

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

FABIANA SCHMITT CORRÊA

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: EXPRESSÕES
INOVADORAS**

**FLORIANÓPOLIS
2014**

Fabiana Schmitt Corrêa

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: EXPRESSÕES
INOVADORAS**

Dissertação submetida ao programa
de Pós Graduação de Linguística
da Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção de grau de
mestre em Linguística.

Orientador: Tarcísio de Arantes
Leite, Dr.

**Florianópolis
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

Corrêa, Fabiana Schmitt

Língua Brasileira de Sinais: Expressões inovadoras /Fabiana Schmitt Corrêa; orientador, Tarcísio de Arantes Leite - Florianópolis, SC, 2014.141 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Libras. 3. Iconicidade. 4. Metáfora.
I. Leite, Tarcísio de Arantes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III. Título.

Fabiana Schmitt Corrêa

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: EXPRESSÕES INOVADORAS

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “Mestre em Linguística”, e aprovada a em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Blumenau, 22 de outubro de 2014.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Prof. Tarcísio de Arantes Leite Dr.
Presidente e Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Rachel Sutton Spence Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Leandra Cristina de Oliveira Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Markus J. Weininger Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

À minha amiga Marisa G. B. dos Santos, pelo carinho, pelo apoio e por ser a minha fonte de motivação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela minha existência, pelas oportunidades e pela liberdade de escolha.

Aos meus pais, pela força e incentivo. Ver o brilho nos olhos dos meus pais apostando na minha batalha não tem preço.

Ao meu marido, pelo amor, pelo companheirismo, pela paciência, pela compreensão, principalmente nos momentos em que estive ausente.

A minha filhota, serelepe que me encanta todos os dias. Por mais que tenha deixado meus cabelos em pé durante a elaboração desta dissertação, me proporcionou momentos de alegria e satisfação.

Aos meus amigos surdos e ouvintes que contribuíram, de alguma forma, com a construção da pesquisa e a coleta de dados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite, por me orientar com sabedoria e dedicação.

À banca examinadora, que contribuirá para melhorias na minha dissertação.

E, finalmente, à minha pessoa, pois, se cheguei até aqui foi porque acreditei em mim e persisti com fé na minha capacidade de evoluir.

RESUMO

A presente dissertação apresenta um estudo acerca do processo inovador na prática cotidiana de usuários surdos da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Teve como objetivo identificar os processos produtivos de inovação linguística na Libras. Mais especificamente, pretendeu explorar as fontes de iconicidade convencionais e não-convencionais dos sinais, identificar os diferentes tipos de metáforas exploradas na Libras e sugerir uma classificação dos processos inovadores na Libras. Para isso, tomamos como base os estudos de Lakoff e Johnson (2002), Martelotta (2011), Taub (2001), Wilcox (2000), Klima e Bellugi (1979) entre outros, e traçamos um panorama das pesquisas que abordam os processos das criações de palavras nas línguas faladas, bem como apresentamos alguns exemplos em língua de sinais. Vale ressaltar que as inovações dos sinais são sinais criados com a intenção de brincar com a linguagem quebrando a convencionalidade do sinal. É bastante comum encontrar esse tipo de inovação na poesia, onde a quebra de padrões faz parte da proposta estética de brincar com a linguagem. Esta pesquisa revelou que esse fenômeno também ocorre em discursos mais coloquiais. Os dados foram coletados em conversas informais entre usuários da Libras, vídeo em libras utilizado na pesquisa de doutorado de Leite (2008), orientador desta pesquisa, e vídeos disponibilizados no *youtube*. Os resultados mostraram que os processos produtivos são metafóricos e icônicos quando comparados ao sinal convencional. Os sinais convencionais apresentaram diferentes graus de iconicidade.

Palavras-chave: processo produtivo; iconicidade; metáfora cotidiana; língua de sinais brasileira.

ABSTRACT

This research studies the innovative process of deaf people, users of the Brazilian Sign Language in the everyday life. It aims to identify the processes of linguistic innovation in the Brazilian Sign Language. More specifically, it aims to explore the sources of conventional and non-conventional iconicity of signs, to identify the different types of metaphors explored in the Brazilian Sign Language and to propose a classification method of the innovative processes. The research was based on Lakoff and Johnson (2002), Martelotta (2011), Taub (2001), Wilcox (2000), Klima e Bellugi (1979) and others, and a overview on the processes of creations of words in the spoken languages was introduced in which we presented some examples in the sign language. It is noteworthy that the innovations of the signals are created with the intention of playing with the language, conventionality breaking the signals. It is quite common to find this kind of innovation in poetry, where the break of the standards is part of the aesthetic proposal, this research revealed that this phenomenon also occurs in the colloquial speech. The data were collected from informal conversations among Sign Language users, a video used in the professor Tarcísio which grounded this research and videos posted on youtube. The results showed that the processes are metaphorical and iconic when compared with the conventional signs. Conventional signs showed different degrees of iconicity.

Keywords: production process; iconicity; everyday metaphor; Brazilian Sign Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Configuração de mão	29
Figura 2	- Sinal QUEIJO	30
Figura 3	- Sinal PEDRA	30
Figura 4	- Sinal TRABALHAR	30
Figura 5	- Sinal VÍDEO	30
Figura 6	- Sinal APRENDER	31
Figura 7	- Sinal SÁBADO	31
Figura 8	- Sinal EU AJUDAR	31
Figura 9	- Sinal TU ou ELE (a) ME AJUDAR	31
Figura 10	- Sinal TELEFONAR.....	32
Figura 11	- Sinal TELEFONE	32
Figura 12	- Sinal SABER	33
Figura 13	- Sinal ESTUDAR.....	33
Figura 14	- Sinal ACREDITAR	33
Figura 15	- Sinal PAI	34
Figura 16	- Sinal MÃE	34
Figura 17	- Sinal PAIS	34
Figura 18	- Sinal BOA NOITE	35
Figura 19	- Sinal UM MÊS.....	35
Figura 20	- Sinal DOIS MESES	35
Figura 21	- Sinal TRÊS MESES	35
Figura 22	- Sinal QUATRO MESES	35
Figura 23	- Sinal TER	35
Figura 24	- Sinal NÃO TER	35
Figura 25	- Sinal QUERER.....	35
Figura 26	- Sinal NÃO QUERER	35
Figura 27	- Esquema de funções de linguagem	37
Figura 28	- Dedo indicador	40
Figura 29	- Sinal NÃO	41
Figura 30	- Sinal PENSAR	41
Figura 31	- ESPOSO = homem + casar	43
Figura 32	- ESPOSA = mulher + casar	43
Figura 33	- Sinal CASA	45
Figura 34	- Sinal Carro	45

Figura 35	- EU ESPERAR ELE NÃO VIR, EU PALHAÇ@	48
Figura 36	- Sinal PENSAR DUR@ expressando a ideia de uma pessoa “cabeça dura” na Libras	49
Figura 37	- Sinal BOM	54
Figura 38	- Sinal RUIM.....	54
Figura 39	- Sinal AVALIAÇÃO	54
Figura 40	- Sinal ANALIZAR em ASL	55
Figura 41	- Sinal MARROM 1	59
Figura 42	- Sinal MARROM 2.....	59
Figura 43	- MEIA NOITE 1	59
Figura 44	- MEIA NOITE 2	59
Figura 45	- Sinal CACHORRO	59
Figura 46	- Sinal LICENCIATURA.....	60
Figura 47	- Sinal LETRAS/LIBRAS	60
Figura 48	- Sinal BACHARELADO	60
Figura 49	- Sinal VER	61
Figura 50	- Sinal NÃO VER.....	61
Figura 51	- Sinal NÃO DAR BOLA (surdo).....	61
Figura 52	- Sinal NÃO DAR BOLA (ouvinte).....	61
Figura 53	- Reduzindo a velocidade do vídeo.....	69
Figura 54	- Pausando o vídeo.....	70
Figura 55	- Copiando a página.....	70
Figura 56	- Abrindo o programa <i>Paint</i>	71
Figura 57	- Colando a página.....	71
Figura 58	- Selecionando a imagem desejada.....	72
Figura 59	- Copiando a imagem.....	72
Figura 60	- Colando a imagem no <i>Paint</i>	73
Figura 61	- Salvando a imagem	73
Figura 62	- Fotos amareladas.....	77
Figura 63	- Modulação e manipulação do sinal INSTRUTOR para mostrar, de uma forma poética e bem-humorada, o progressivo desânimo do sinalizador pelo ensino da libras	82
Figura 64	- Sinal convencional INSTRUTOR,	

	motivado iconicamente pelo sinal PROFESSOR.....	82
Figura 65	- Progressiva diminuição da amplitude, tensão e velocidade do movimento e inclinação dos dedos para baixo	83
Figura 66	- Progressivo deslocamento do tronco do sinalizador, de trás para frente	84
Figura 67	- Quebra do punho metaforizando impossibilidade de manter a atividade de INSTRUCTOR	85
Figura 68	- Quebra de punho, direcionalidade e velocidade	86
Figura 69	- Manipulação do sinal como objeto	86
Figura 70	- Sinal convencional ASSOCIAÇÃO	86
Figura 71	- Modulação e manipulação do sinal ASSOCIAÇÃO, para mostrar a urgência de incentivo e a consequência negativa pelo desprezo.	89
Figura 72	- Sinal convencional OBJETIVO, iconicamente motivado pelo alcance de um alvo	90
Figura 73	- Alteração de movimento e direcionalidade	91
Figura 74	- Diferença de movimento	92
Figura 75	- Mudança de velocidade, tensão facial e dedos	93
Figura 76	- Sinal convencional EU TE AMO	94
Figura 77	- Alteração orientacional	94
Figura 78	- Sinal convencional WIFI	95
Figura 79	- Quebra de punh.....	95
Figura 80	- Sinal convencional INFORMAÇÃO.....	96
Figura 81	- Processo orientacional.....	96
Figura 82	- Sinal convencional IDENTIDADE, motivado iconicamente pelo sinal MARCA	97
Figura 83	- Processo orientacional e manipulação do sinal como objeto	98

Figura 84	- Sinal convencional DIVULGAR	99
Figura 85	- Mudança orientacional	99
Figura 86	- Sinal convencional EXEMPLO	100
Figura 87	- Manipulação do sinal como objeto e expressão	100
Figura 88	- Sentença TIRAR OLHO LIMPAR	101
Figura 89	- Sentença OLHO SALTAR PULAR	101
Figura 90	- Sinal convencional MERGULHAR	103
Figura 91	- Manipulação do sinal MERGULHAR ...	104
Figura 92	- Sinal convencional VERGONHA.....	104
Figura 93	- Manipulação do sinal VERGONHA	105
Figura 94	- Sinal convencional CONVERSAR	106
Figura 95	- Velocidade e manipulação sinal CONVERSAR	106
Figura 96	- Sinal convencional ABISMAR	107
Figura 97	- Manipulação do sinal ABISMAR	108
Figura 98	- Sinal convencional PACIENCIA	108
Figura 99	- Acréscimo de dedos, tensão corporal e facial.....	109
Figura 100	- Sinal convencional TRAUMA	110
Figura 101	- Acréscimo de dedos, tensão facial e corporal	110
Figura 102	- Sinal convencional PROFUNDO	111
Figura 103	- Acréscimo de dedos	111
Figura 104	- Sinal convencional AFINIDADE	112
Figura 105	- Acréscimo de um dedo	112
Figura 106	- Sinal convencional QUENTE	113
Figura 107	- Mudança de ponto de articulação	113
Figura 108	- Sinal convencional SAUDE	114
Figura 109	- Acréscimo de mão	115
Figura 110	- Zero na cabeça	115
Figura 111	- Mudança de ponto de articulação	116
Figura 112	- Alteração de ponto de articulação	117
Figura 113	- Alteração do ponto de articulação	117
Figura 114	- Sinal convencional ABRIR PORTA	118
Figura 115	- Alteração de ponto de articulação	118
Figura 116	- Alteração do ponto de articulação	119

Figura 117	- Sinal convencional ANDROID	120
Figura 118	- Logotipo ANDROID	121
Figura 119	- Alteração do ponto de articulação	121
Figura 120	- Sinal convencional SUGAR	122
Figura 121	- Alteração de ponto de articulação	122
Figura 122	- Sinal convencional SEDE	123
Figura 123	- Alteração de ponto de articulação	123
Figura 124	- Sinal convencional CLONAR	124
Figura 125	- Alteração de ponto de articulação	124
Figura 126	- Produção inovadora.....	125
Figura 127	- Produção inovadora	127
Figura 128	- Alteração do ponto de articulação do sinal LIBRAS e transformação do sinal LIBRAS para ESCRITA DE SINAIS	128
Figura 129	- Sinal convencional BILINGUE	128
Figura 130	- Transformação de um sinal para outro	129
Figura 131	- Sinal convencional LÍNGUA 1	131
Figura 132	- Sinal convencional LÍNGUA 2	131
Figura 133	- Alteração da configuração de mão, tensão dos dedos.....	131

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	OQUE SÃO LÍNGUA DE SINAIS.....	20
3	FUNÇÕES DE LINGUAGEM.....	30
3.1	DUPLA ARTICULAÇÃO.....	32
3.1.1	A economia da articulação.....	34
3.2	ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE	36
3.3	METÁFORA.....	39
3.3.1	Metáfora na perspectiva tradicional	39
3.3.2	Metáfora na perspectiva da linguística cognitiva	42
3.3.3	Tipos de metáforas conceituais	45
3.3.4	Processos metafóricos em língua de sinais.....	46
3.4	NEOLOGISMO	49
3.4.1	INOVAÇÕES NA LÍNGUA DE SINAIS.....	55
3.5	LINGUISTICA COGNITIVA	56
3.5.1	Antecedentes históricos.....	56
3.5.2	Premissas da linguística cognitiva.....	58
4	METODOLOGIA	61
4.1	COLETA DE DADOS	61
5	DESCRIÇÃO DE DADOS	72
5.1	CATEGORIZAÇÃO DE DADOS	125
5.2	DISCUSSÃO DE DADOS	127
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
7	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

INTRODUÇÃO

Este estudo tem, como objetivo geral, identificar os processos produtivos de inovação linguística na Libras ao analisar e descrever o uso inovador de sinais na Libras em diferentes gêneros e registros de fala. Estamos chamando de “expressão inovadora” um tipo específico de neologismo que envolve uma modificação formal *ad-hoc* de um dos parâmetros convencionais que compõem o sinal, produzindo um efeito estético/literário, ainda que esse sinal seja produzido no discurso coloquial. Cabe esclarecer que consideramos *ad-hoc* como algo que é inventado na hora, aproveitando as oportunidades da situação.

Mais especificamente, pretendemos explorar as fontes de iconicidade convencionais e não-convencionais dos sinais e também identificar os diferentes tipos de metáforas exploradas na Libras e sugerir uma classificação dos processos inovadores na Libras.

A presente pesquisa se impulsionou a partir do meu interesse pessoal e profissional. Sou professora da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e na Prefeitura Municipal de Blumenau (PMB). Concluir o mestrado foi umas das metas que tracei como sujeito e enquanto professora. Alcancei um patamar na minha vida que, há alguns anos, jamais imaginei ser possível.

Minha irmã e eu somos surdas e oriundas de uma família ouvinte. A base da nossa educação foi oralista. Durante a minha infância, recordo que usar gestos e sinais não era correto nem prestigiado. Por muito tempo, fui resistente e só usei a língua oral como único meio de comunicação. No ambiente escolar e social, me sentia excluída e diferente, sofri preconceito e tinha vergonha da minha surdez.

Minha vida se transformou quando cursei a Graduação de Pedagogia com Habilitação em Educação Especial¹. Nessa graduação, tive contato com a língua de sinais e a aprendi, obtendo informações que a desmitificaram, juntamente com a surdez. Nessa etapa da minha vida, aceitei a minha surdez. Aceitar minha surdez me libertou de todos os preconceitos que carregava desde tenra idade, como, por exemplo, acreditar que, enquanto pessoa surda, eu nada poderia exigir socialmente, e sim aceitar o que me fosse proposto por ser “inferior”. Usar a língua de sinais me tornou uma pessoa mais confiante, pois não há barreiras para eu expressar qualquer ideia ou pensamento. Hoje, me

¹ Esse curso foi concluído em 2003 na FURB.

sinto confiante, realizada pessoal e profissionalmente. Em momento algum, me sinto inferior pela questão da surdez ou da língua de sinais. Muito pelo contrário, por existirem essas duas situações é que exerço minha profissão, com muita dedicação, interesse e busca constante por qualificação.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é a língua reconhecida no Brasil pela Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005). É considerada a língua natural dos surdos, como postula Quadros (2004, p. 30):

[...] uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários.

William Stokoe (1960) foi o primeiro linguista que comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Em suas pesquisas com a *American Sign Language* (ASL), constatou que cada sinal apresentava, pelo menos, três partes independentes e que cada parte possuía um número limitado de combinações (QUADROS E KARNOPP, 2004). As unidades mínimas (fonemas) que constituem os sinais são: configuração de mão (CM), locação da mão (L) e movimento da mão (M). As análises dos pares mínimos da língua de sinais (BATTISON, 1974) incluíram mais um parâmetro na fonologia da língua de sinais: a orientação da mão (Or). As expressões não-manuais também foram incluídas nos parâmetros da língua de sinais, prestando-se, em suma, a dois papéis: marcação de construções sintáticas e diferenciação de elementos lexicais.

Esse particular interesse na inovação linguística na Libras teve origem na troca de ideias com o meu orientador. Minha intenção inicial era investigar somente o neologismo da Libras. Posteriormente, surgiu a ideia de investigar inovações de sinais no uso cotidiano, em situações em que, de alguma forma, o usuário quebra a convencionalidade de alguns sinais já conhecidos.

O primeiro dicionário produzido com a colaboração de professores surdos e pesquisadores ouvintes foi o Dicionário enciclopédico trilingue da Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA E

RAPHAEL, 2001). A documentação dos sinais convencionais é menor na Libras do que na língua portuguesa, o que torna difícil definir quando estamos diante de um neologismo ou não. Por isso, focalizamos nos sinais que não apenas são novos, para nós, mas também que brincam ou quebram, de alguma forma, a convencionalidade de alguns sinais já bem conhecidos.

A falta de *corpus* com o uso inovador da língua de sinais nos levou a optar, como metodologia de coleta de dados, pela produção de sinais em contexto de sinalização cotidiana, com posterior pedido de registro, bem como em poesias sinalizadas pelos surdos, um vídeo utilizado na tese de doutorado do orientador dessa pesquisa e vídeos caseiros produzidos pelos sinalizantes surdos disponível no *youtube*. Nos dados coletados de produção em contexto de sinalização cotidiana, os participantes assinarão um termo de consentimento de cessão de imagens ou nome real.

Para melhor nortear a temática trabalhada neste projeto, optamos por destinar o capítulo 2 à revisão geral, trazendo a Língua de Sinais Brasileira. É relevante conhecer a língua que estamos estudando e sua estrutura linguística, uma vez que o estudo da Língua de Sinais Brasileira está se expandindo na área da linguística. No capítulo 3, tratamos das funções da linguagem na perspectiva de Jakobson (2010). Discutimos a arbitrariedade, a iconicidade, a dupla articulação e a economia da articulação. No capítulo 4, apresentamos a metáfora, visto que é importante entender que, na criação dos sinais, o sujeito usa o seu conhecimento cultural, e o processo demonstra ser metafórico. No capítulo 5, discorremos a respeito do neologismo e de sinais inovadores. É imprescindível aprofundar essas temáticas, uma vez que contribuem para a compreensão na inovação dos sinais. Apresentamos, no capítulo 6, a linguística cognitiva. No capítulo subsequente, apresentamos a metodologia, no qual descrevemos a maneira utilizada para a obtenção dos dados. Com o intuito de tornar a pesquisa mais acessível ao leitor, destinamos o capítulo 8 à análise dos dados, onde procuramos explorar as fontes de iconicidade convencionais e não-convencionais dos sinais. No capítulo 9, identificamos os diferentes tipos de metáforas exploradas na Libras e sugerimos uma classificação dos processos inovadores na Libras. O capítulo final destinamos para algumas discussões, conclusões e possibilidades de trabalhos futuros.

Em consonância com a estrutura em capítulos desta dissertação, apresentada no parágrafo anterior, passamos ao capítulo 2, que trata das

línguas de sinais.

2 O QUE SÃO LÍNGUAS DE SINAIS?

Neste capítulo, discorreremos sobre as línguas de sinais, bem como apresentamos alguns aspectos que as diferenciam das línguas orais. Igualmente, apresentamos alguns mitos que circundam as línguas de sinais.

A língua de sinais é uma língua de modalidade visuoespacial utilizada pela comunidade surda. No Brasil, a Língua de Sinais Brasileira é reconhecida legalmente como estatuto linguístico, registrado como língua natural dos surdos, pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), conforme mencionamos na Introdução.

Ainda existem ideias equivocadas em relação à língua de sinais, embora várias pesquisas realizadas em diversos países a tenham desmistificado. Uma dessas pesquisas foi realizada por Quadros e Karnopp (2004) que especificam alguns mitos em relação à língua de sinais.

Um dos mitos apontados pelos autores é que a língua de sinais consiste em uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos. Gesser (2009) considera que essa visão esteja relacionada com o fato de a língua de sinais ser uma língua de modalidade espaciovizual, ou seja, a língua, quando sinalizada, fica mais palpável e visível. Para Quadros e Karnopp (2004), é um equívoco, pois vários estudos concluíram que as línguas de sinais expressam conceitos abstratos. Além disso, é possível discutir em língua de sinais sobre os mais variados assuntos, como matemática, física, psicologia, política e economia.

Frishberg (1975 e 1979) postula que as línguas de sinais constituem um sistema linguístico que envolve tanto conceitos abstratos quanto signos arbitrários, independentemente de sua iconicidade. O mesmo autor conclui que a iconicidade não é relevante na determinação da forma de sinais e que, historicamente, os sinais icônicos sofrem mudanças linguísticas, as quais os tornam mais arbitrários ao passar dos tempos.

A crença de que a língua de sinais é o alfabeto manual é apontada por Gesser (2009, p. 29), segundo o qual acreditar nesse mito “é fixar-se na ideia de que a língua de sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral.” O alfabeto manual é um recurso utilizado pelos falantes da

língua de sinais, um código de representação das letras alfabéticas. Esse recurso é utilizado para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas e algum vocábulo que ainda não tenha sinal na língua de sinais.

Outro mito apontado por Quadros e Karnopp (2004) encontra-se relacionado à existência de uma única língua de sinais e, portanto, universal. Essa crença está relacionada ao primeiro mito, pois considera que, se a língua de sinais é constituída por gestos e pantomima, deve ser universal. Os autores desmistificam tal crença explicando que, uma vez que é uma língua legítima, com riqueza e complexidade linguística, a língua de sinais, assim como as línguas orais, não pode ser universal. As mesmas premissas que explicam as diversidades das línguas orais se aplicam às línguas de sinais. Assim, cada país apresenta a(s) sua(s) língua(s) de sinais, que é diferente da(s) de outro país. A autora Gesser (2009, p. 12) afirma que “o que é universal é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é **sinalizado**”.

Para Quadros e Karnopp (2004), também é equivocada a concepção de que a língua de sinais é um sistema de comunicação artificial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral. Essa visão surgiu na década de 1970 e existe até os dias de hoje.

As línguas de sinais são línguas de modalidade visuoespacial, que é distinta das línguas orais, que, por sua vez, são de modalidade oral-auditiva. Por ser distinta das línguas orais, as línguas de sinais apresentam uma riqueza de expressividade diferente, incorporando tais elementos na estrutura dos sinais por meio de relações espaciais estabelecidas pelo movimento ou por outros recursos linguísticos.

Apesar da diferença existente entre as línguas de sinais e as línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o termo fonologia tem sido usado para referir-se, também, ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais (Quadros e Karnopp, 2004, p. 48). As autoras argumentam que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal.

As unidades mínimas (fonemas) que constituem os sinais são: configuração de mão (CM), locação da mão (L) e movimento da mão (M). As análises dos pares mínimos da língua de sinais (BATTISON, 1974) incluíram mais um parâmetro na fonologia da língua de sinais: a orientação da mão (Or). As expressões não-manuais também foram incluídas nos parâmetros da língua de sinais, prestando-se, em suma, a

dois papéis: marcação de construções sintáticas e diferenciação de elementos lexicais.

O parâmetro CM corresponde às formas das mãos (Figura 1) as quais representam o sistema fonético das línguas de sinais. Segundo Felipe (2001), os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com uma determinada configuração de mão em um lugar específico, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço neutro (em frente ao corpo).

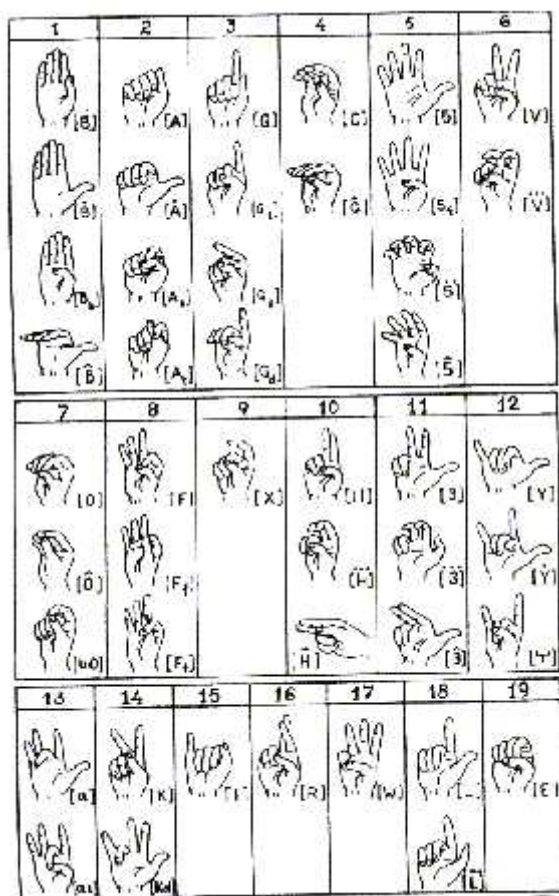
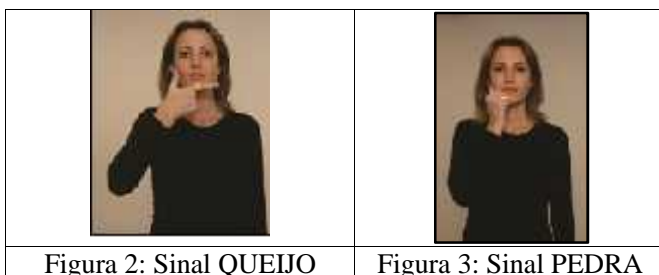


Figura 1: Configuração de mão
Fonte: Ferreira-Brito (2005).

Os sinais são analisáveis como uma combinação de três categorias linguísticas: configuração de mão, locação e movimento (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009). Se alterarmos alguma característica de qualquer parâmetro, podemos mudar o significado de um sinal.

Essa diferença mínima na língua de sinais gera novos significados que chamamos de pares mínimos. Um exemplo apontado por Quadros e Karnoop (2004) de sinal que se opõe quanto à configuração de mão é o sinal de QUEIJO e o de PEDRA (Figuras 2 e 3).



A diferença entre os sinais QUEIJO e PEDRA é que, em QUEIJO (Figura 2), a configuração está em L e, em PEDRA (Figura 3), a configuração está em A.



No parâmetro M, também podemos identificar os pares mínimos. Trazemos, como exemplo, TRABALHAR e VÍDEO (Figuras 4 e 5).



O exemplo apresentado nas figuras 4 e 5 mostram a diferença no movimento: em TRABALHAR, o movimento é alternado e, em



VÍDEO, o movimento é único, retilíneo para frente. São sinais que se opõem quanto ao movimento.

Os itens lexicais APRENDER (Figura 6) e SÁBADO (Figura 7), bem como LARANJA, que é o mesmo sinal de SÁBADO, também formam pares mínimos.

	
Figura 6: Sinal APRENDER	Figura 7: Sinal SÁBADO

A diferença entre os sinais expostos nas figuras 6 e 7 reside na localização do sinal: o sinal APRENDER é sinalizado na cabeça, e o sinal SÁBADO, na boca, de modo que a CM e o M se mantêm inalterados.

Além dos três grupos de unidades mínimas (configuração de mão, locação e movimento), Quadros e Karnopp (2004) apontam mais duas categorias: a orientação de palmas e as marcações não-manuais. Como exemplo de pares mínimos no parâmetro Or, as autoras citam o sinal AJUDAR (Figuras 8 e 9).

	
Figura 8: Sinal EU AJUDAR	Figura 9: Sinal TU ou ELE (a) ME AJUDAR

No sinal AJUDAR, se a orientação de palma da mão estiver voltada para a frente (Figura 8), indicará que o sinalizante está ajudando alguém. O significado desse sinal modificará se alterarmos a palma para dentro do locutor. No exemplo da Figura 9, o sinal, com a orientação da palma da mão voltada para o sinalizante, significa que a segunda ou

terceira pessoa está ajudando a primeira pessoa do discurso, ou seja, a fonte é, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 25), “a primeira pessoa e o alvo é a terceira pessoa associada ao ponto estabelecido no espaço à frente da sinalizante no qual a direção do movimento se move.”

Os sinais combinados entre si e/ou com outros parâmetros permitem a distinção de significados. Sendo assim, é possível produzir um conjunto infinito de elementos. Vale ressaltar que um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos e que um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda, não sendo distintiva essa mudança (KARNOPP, 1999).

Em relação à morfologia, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras, tais como substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, etc. Assim como a língua portuguesa, as línguas de sinais contam com um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que os morfemas (unidades mínimas com significado) são combinados. Todavia, as línguas de sinais são distintas das línguas orais no tipo de processos combinatórios que, frequentemente, criam palavras morfologicamente complexas. As palavras complexas, nas línguas orais, comumente são formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz (KLIMA E BELLUGI, 1979). Essas formas, nas línguas de sinais, muitas vezes resultam de processos não-concatenativos, em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização.

Quadros e Karnopp (2004) ilustram, em seu trabalho, os aspectos morfológicos que merecem a nossa atenção. O processo morfológico muito comum na Libras é aquele que deriva nomes de verbo. As autoras observaram que a mudança no tipo de movimento pode derivar nomes de verbos, como mostram as figuras 10 e 11.



Figura 10: Sinal
TELEFONAR



Figura 11: Sinal
TELEFONE

Nas figuras 10 e 11, a CM e a L são as mesmas, mas o sinal TELEFONAR não tem movimento e o sinal TELEFONE tem movimento, o que acarreta a diferença no significado entre os dois sinais.

Outro processo de criar novos sinais é a composição. Liddel (1984), citado por Quadros e Karnopp (2004), observou que dois sinais formam um sinal composto quando mudanças predicáveis ocorrem como resultado de aplicação de regras. Quadros e Karnopp (2004) observaram a aplicação de tais regras na Libras e concluíram que, na regra de contato, o sinal composto, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. Isso significa que, se dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal não apresenta contato, esse contato tende a permanecer. Como exemplo, podemos citar o sinal ACREDITAR. Para formar esse sinal composto, unimos os sinais SABER (Figura 12) e ESTUDAR (Figura 13).



Conforme mostram as figuras 12 e 13, respectivamente, o sinal SABER é realizado na testa, com movimento repetido, e o sinal ESTUDAR é realizado no espaço neutro com movimento repetido.

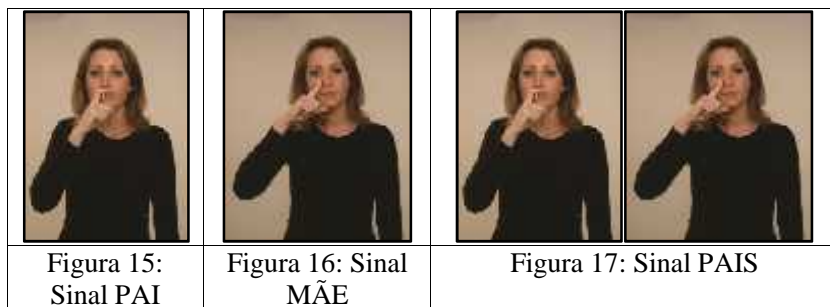
Na formação do sinal ACREDITAR (Figura 14), os movimentos repetidos dos dois sinais são eliminados e o ponto de contato do sinal SABER se torna o ponto de articulação inicial do sinal ACREDITAR.



Figura 14: Sinal ACREDITAR

A regra de sequência única, o movimento interno ou a repetição do movimento, é omitida.

Quadros e Karnopp (2004) citam os sinais PAI e MÃE que isoladamente apresentam movimento repetido. Ao juntar os dois sinais PAI+MÃE eliminando o movimento e a repetição formamos um sinal composto: PAIS (Figuras 15, 16 e 17). Ao exemplo do sinal ACREDITAR, apresentado anteriormente, também aplicamos essa regra.



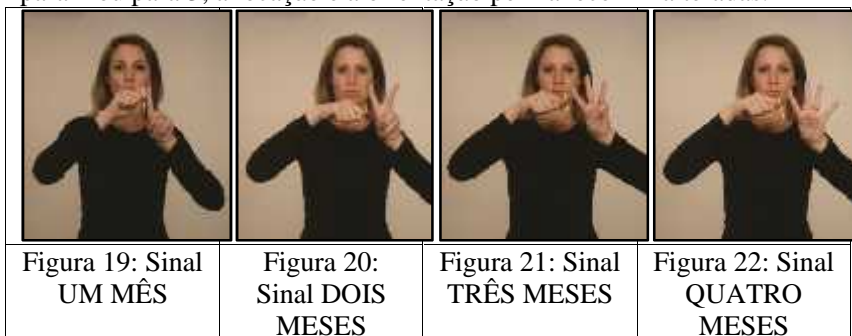
A última regra é a regra da antecipação da mão não dominante, isto é, na formação do composto, a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal. Esse exemplo pode ser visto no sinal BOA NOITE (Figura 18), em que a mão não dominante está localizada em frente ao sinalizante com uma configuração de mão que envolve o sinal composto.









Figura 18: Sinal BOA NOITE

Outro processo importante que podemos combinar para criar novos significados é a incorporação de numeral. Na Libras, esse processo pode ser identificado no sinal de UM MÊS, DOIS MESES, TRÊS MESES e QUATRO MESES (Figuras 19, 20, 21 e 22 respectivamente). A diferença é a mudança na configuração de mão de 1 para 2 ou para 3; a locação e a orientação permanecem inalteradas.



A incorporação de negação também é um processo produtivo na Libras. Ferreira-Brito (1995) identificou alguns sinais que incorporam a negação. A autora afirma que esse processo envolve alteração em um dos parâmetros. o mais comum é a mudança do parâmetro movimento. Nas figuras 23 e 24, temos os sinais TER e NÃO TER, com alteração de movimento, e, nas figuras 25 e 26, os sinais QUERER e NÃO QUERER, com alteração no movimento e na orientação de palma.

	
Figura 23: Sinal TER	Figura 24: Sinal NÃO TER
	
Figura 25: Sinal QUERER	Figura 26: Sinal NÃO QUERER

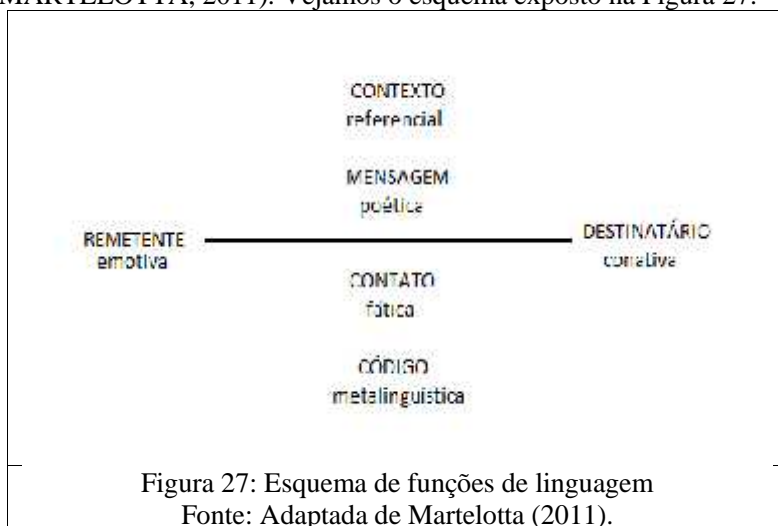
Os processos de formação de sinais apresentados é relevante para compreender a formação de sinais inovadores.

3 FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Este capítulo enfoca a linguagem nos seguintes aspectos: funções, dupla articulação, economia na articulação, arbitrariedade e iconicidade.

Na literatura, podemos encontrar acepções distintas, de diversos autores, sobre as funções da linguagem. Neste projeto, trazemos a interpretação das funções da linguagem postuladas pelo linguista Roman Jakobson.

Para o autor, a linguagem apresenta uma variedade de funções. Entretanto, para compreender cada uma delas, devemos levar em conta os elementos constitutivos de todo ato de comunicação (MARTELOTTA, 2011). Vejamos o esquema exposto na Figura 27.



A diversidade das mensagens linguísticas não se manifesta na realização distinta das diferentes funções, mas nas diferenças em sua disposição hierárquica. Praticamente, não há mensagem linguística que não preencha, pelo menos, uma dessas funções. Em cada oportunidade, é a função predominante que determina a estrutura da mensagem (HOLENSTEIN, 1978).

Segundo Martelotta (2010), com base nos elementos peculiares do ato da comunicação, Jakobson estabeleceu seis funções da linguagem, relacionando cada uma delas a um dos componentes do

processo comunicativo. Dessa forma, em cada ato de fala, dependendo de seu objetivo, destaca-se um dos elementos da comunicação e, decorrente, uma das funções da linguagem, conforme apresentamos a seguir:

- a) Função emotiva – a emoção do emissor transparece na mensagem, ressaltando a sua atitude e o seu estado de espírito. Essa função é focada no emissor, pois é ele quem expressa a emoção na mensagem. Essa função pode ser percebida numa situação que envolve medo ou irritação. Por exemplo, um indivíduo está dirigindo, e um carro corta a sua frente, quase o acertando em cheio; ele grita e xinga. Podemos identificar a emoção na entonação que o indivíduo usa ou em sua escolha vocabular.
- b) Função referencial – essa função está centrada no contexto, já que reflete uma preocupação em transmitir conhecimentos referentes a pessoas, objetos ou acontecimentos. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos.
- c) Função conativa – consiste em persuadir e conquistar o receptor. A mensagem com essa função procura envolver o receptor com o conteúdo transmitido, influenciando o seu comportamento. Um exemplo disso é a propaganda, que tem o objetivo de persuadir o público a comprar um produto.
- d) Função fática – ocorre quando a mensagem linguística tem por finalidade estabelecer, prolongar, controlar, confirmar ou interromper a comunicação. Está centrada no canal, já que não visa propriamente à comunicação, mas ao estabelecimento ou ao fim do contato, refletindo, também, a preocupação de testar o contato ou checar o recebimento da mensagem. Um bom exemplo da função fática é o simples ruído (“hum hum”) para testar ou controlar uma instalação de telefone ou de alto falante.
- e) Função metalinguística – baseia-se no uso da linguagem para referir a própria linguagem, transformando-se em seu próprio referente.
- f) Função poética – quando a mensagem é formulada de forma inovadora e imprevista, utilizando jogos de imagens ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem.

Ela é capaz de despertar o prazer estético no receptor. É reconhecida em textos literários.

Cabe ressaltar que a função poética não se centra apenas nos textos literários. Martelotta (2010) explica que, para Jakobson, a função poética vai além da arte verbal. Podemos encontrar mensagens poéticas em ditados e expressões populares (ex.: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” e “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”) ou em *slogans* de propaganda, como, por exemplo, “Quem é vivo faz seguro de vida no fundo Itaú”, em que a expressão “vivo” pode ser interpretada em dois sentidos: “que está vivo” e “esperto” (MARTELOTTA, 2011).

Embora tenham sido identificados os aspectos básicos da linguagem, dificilmente conseguiremos encontrar mensagens verbais que preencham uma única função da linguagem. Uma mesma mensagem apresenta mais de uma dessas funções, de modo que a decisão referente à qual função caracteriza uma mensagem é mais uma questão de decidir a ordem hierárquica de funções do que escolher apenas uma.

Relacionando essa identificação com esta pesquisa, consideramos que, quando os surdos exploram de forma criativa um sinal, modificam sua estrutura convencional agregando um novo significado. Nesse caso, seu desejo maior é produzir um efeito estético no interlocutor (risos, provocações, etc.) Essa seria, então, a função central da linguagem humana, a qual possui, entre suas características, a articulação, conforme expomos a seguir.

3.1 DUPLA ARTICULAÇÃO

Inicialmente, nesta subseção, apresentamos o conceito de articulação, que é uma das características essenciais da linguagem humana, sendo apontada como um dos aspectos que a divergem da comunicação dos animais.

Segundo Martelotta (2011), o termo articulado significa constituído de membros ou partes. Afirmar que a linguagem humana é articulada significa postular que os discursos produzidos em uma língua são divisíveis em partes menores, já que constituem o resultado da união de elementos que, por sua vez, podem ser encontrados em outros discursos.

Vejamos uma sentença gramatical na língua portuguesa: Os meninos tocavam alegremente. Essa sentença é divisível em unidades menores. Nesse caso, podemos dividi-la em quatro vocábulos: Os/meninos/tocavam/alegremente.

Para formar qualquer sentença, o usuário da língua escolhe entre os vocábulos armazenados em sua memória, articulando-os de acordo com as regras de formação de sentenças de sua língua. Cada vocábulo constitui um elemento autônomo, podendo ocorrer em outras sentenças, dependendo dos interesses comunicativos do usuário (MARTELOTTA, 2011).

Quanto à dupla articulação, na hipótese funcionalista de A. Martinete (DUBOIS, 1978), consiste na organização específica da linguagem humana, na qual todos os enunciados articulam em dois planos (dois níveis de unidades mínimas). No primeiro plano, o enunciado articula-se linearmente, em unidades de sentido chamadas de morfemas. A palavra “tocavam”, por exemplo, se articula em quatro morfemas: toc/a/va/m.

Na segunda articulação, cada morfema, por sua vez, se articula no seu significante em unidades mínimas destituídas de sentidos (unidades distintivas), chamadas de fonemas. O morfema toc-, da palavra “tocavam” é formado de três fonemas, cada um dos quais pode ser substituído por outros no mesmo ambiente ou combinar-se com outros para formar um morfema diferente.

Na formação de sinais, pensando isoladamente na CM por si só, ela não apresenta significado, sendo, apenas, um elemento menor que comporá, por meio de sua combinação com outros parâmetros, unidades maiores dotadas de significado (RODRIGUES E VALENTE, 2012). Vejamos, na Figura 28, a configuração de mão.



Para os autores, somente a configuração isolada não tem significado; porém, combinada com outros parâmetros (ponto de articulação e/ou movimento), possui significado (Figuras 29 e 30).



Figura 29: Sinal NÃO

O dedo indicador, com movimento, representado com as setas na Figura 29, significa “Não”.

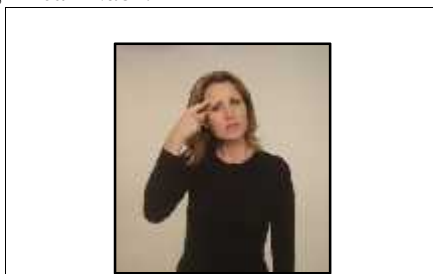


Figura 30: Sinal PENSAR

Na Figura 30, temos o dedo indicador em um ponto de articulação específica, o que faz com que signifique “Pensar”.

Rodrigues e Valente (2012) afirmam que as combinações não ocorrem aleatoriamente, pois seguem um padrão de estruturação nos diferentes níveis – fonológico, morfológico, sintático e semântico. Isso significa que, na Libras, o usuário deve respeitar as regras de combinação apresentada por ela.

A dupla articulação permite uma economia de esforços na emissão e percepção de mensagem. Discorremos a respeito dessa economia na subseção que segue.

3.1.1 A economia da articulação

Sem a economia de esforços na emissão e percepção de mensagem, possibilitada pela dupla articulação, seria necessário

recorrermos a um som para designar cada elemento da realidade, cada nova inovação.

Além disso, no nível morfológico, a língua humana é capaz de associar elementos e, com isso, apenas mudar os afixos, mantendo-se o mesmo radical para diversas situações, o que contribui ainda mais para a economia linguística. (LIMA, 2008).



Para esclarecer a questão da economia, apresentamos o exemplo citado por Martelotta (2011): nos casos de formação de feminino por heteronímia, como homem/mulher e boi/vaca, há um vocábulo para caracterizar o masculino e outro, diferente, para denominar o feminino. Se esse fosse o procedimento padrão para todas as distinções de gênero, número e grau, as línguas teriam vocabulários imensos.

Entretanto, várias línguas naturais desenvolveram um processo de combinação de partes, sendo que, com esse artifício, podemos aproveitar os vocábulos sem precisar criar palavras diferentes. Um exemplo, na língua portuguesa, é o morfema -a, cuja função é indicar feminino, bastando acrescentá-lo ao final do vocábulo: cantor/cantora, diretor/diretora.

Sendo assim, a partir de algumas dezenas de fonemas, cujas possibilidades de combinação estão longe de ser todas exploradas, é possível formar milhares de morfemas que, diversamente arranjados, veiculam a infinidade de mensagens linguísticas de uma língua. (DUBOIS, 1978).

Na língua de sinais também se usa a economia da articulação. Podemos exemplificar os sinais de homem e mulher que devem ser acrescentados antes do vocábulo para identificar o gênero masculino e feminino. Vejamos alguns exemplos (Figuras 31 e 32).



	
<p>Figura 31: ESPOSO = homem + casar</p>	<p>Figura 32: ESPOSA = mulher + casar</p>

Como afirma Costa (2012), a combinação das unidades mínimas dos parâmetros forma o sinal na língua de sinais e cada unidade mínima pode produzir vários significados se alterado apenas um dos parâmetros, de modo que, assim, temos a economia e a produtividade na língua.

Assim, os sinais inovadores podem apresentar um processo de formação de partes em que aproveitam os sinais existentes para criar novos sinais.

Além das questões apresentadas sobre a linguagem até o momento – funções, dupla articulação e economia na articulação – interessam a esta pesquisa a iconicidade e a arbitrariedade.

3.2 ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE

Uma das investigações da linguística é a tentativa de compreender não apenas a estrutura da linguagem, como também a sua relação com o mundo que ela simboliza.

A discussão acerca da arbitrariedade e da iconicidade, de acordo com Wilson e Martelotta (2011), não é atual, visto que Platão e outros filósofos, na Grécia Antiga, já investigavam, com base na linguagem, a relação existente entre o nome, a ideia e a coisa. A principal questão era descobrir se havia ou não relação icônica entre a forma (código linguístico) e o sentido por ela expresso. A discussão sobre essa questão continuou através dos tempos, sendo mantida pelas correntes linguísticas até os dias de hoje.

Para Martelotta (2011, p. 72), a iconicidade “do signo linguístico fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos”.

Referindo-se, ainda, à iconicidade, Martelotta (2011, p.167) esclarece que “o princípio da iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”. O mesmo autor exemplifica a questão icônica com as onomatopeias, cuja estrutura sonora imita o som das coisas que designam, como, por exemplo, *tic-tac* (relógio) ou *corococó* (som do galo). Sob a ótica de Martelotta (2011), existe a similaridade entre o som e o sentido.

Taub (2001) traz a compreensão de que iconicidade “não é meramente uma questão de ‘imitação’ ou ‘mímica’ de sons ou movimentos, sendo, pelo contrário, “uma parte convencionalizada de recursos dos idiomas. Ela é, de fato, comum em ambas as línguas, de sinais e faladas, tanto na gramática como no léxico”. Entendemos, aqui, que a iconicidade corresponde à forma de um item linguístico e ao seu significado.

A autora ainda faz referência aos significados abstratos que mostram representações icônicas de alguma imagem concreta, relacionando iconicidade à metáfora, o que, nesta pesquisa, será mais bem detalhado na discussão realizada no capítulo 3.

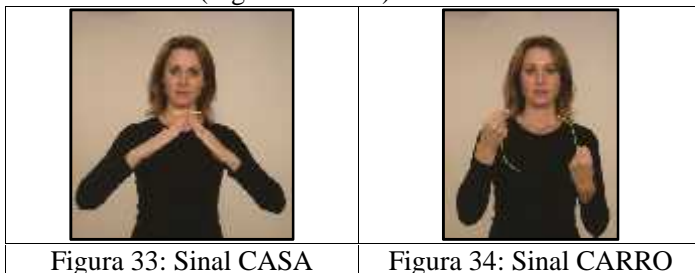
Diniz (2010, p. 26), por sua vez, relata que

A noção da iconicidade também está presente nas pesquisas das línguas orais, que tratam a iconicidade como uma relação de semelhança/similaridade entre a forma (o código linguístico) e seu significado em diferentes níveis da estrutura linguística (fonologia, morfologia e léxico, sintaxe e discurso).

Essa forma mencionada por Diniz (2010) de as línguas orais tratarem a iconicidade faz com que ainda haja a crença de que a língua de sinais seja capaz de expressar somente o que é concreto ou, então, que sejam usados apenas gestos para a comunicação, o que tem dado espaço para esse ser um dos principais mitos da língua de sinais. Entretanto, contrariando esse ponto de vista, Frishberg (1975 e 1979, apud DINIZ, 2010) defende que as línguas de sinais formam um sistema linguístico que abrange não só conceitos abstratos, como também signos arbitrários, independente de sua iconicidade.

Da mesma forma que Martelotta (2011), Diniz (2010) exemplifica a iconicidade com as onomatopeias, como o “tique-taque”, isto é, o som do relógio em funcionamento. Também são exemplos de estruturas

sonoras que imitam o som das coisas que são nomeadas: auauau (som do latido do cachorro), NHAC! (som de abocanhar um alimento), TOC TOC (som de batida da porta), entre outras. Na língua de sinais, podemos perceber a relação icônica nos sinais que representam similaridade na forma (Figuras 33 e 34).



Distinto de iconicidade, temos a arbitrariedade, vista por Saussure (2006) como um dos princípios do signo linguístico. Esse autor considera que o laço que une o significante ao significado seja arbitrário. Em outras palavras, visto que entende “por signo o total resultante da associação entre um significante com um significado”, afirma, de forma mais simples, que “*o signo linguístico é arbitrário*”. (SAUSSURE, 2006, p. 81, grifo do autor). Nesse sentido, Saussure (2006) argumenta que a ideia de “mar” e a sequência dos sons m-a-r não estão ligadas por relação interior, bem como que a ideia de “mar” poderia ser representada por outra sequência. Outro argumento do autor em defesa da arbitrariedade do signo consiste na existência de diferenças entre as línguas e na existência de línguas diferentes. Podemos exemplificar o exposto por Saussure (2006) com “*mesa*” e “*table*”, dois significantes diferentes que representam, em duas línguas, um signo com o mesmo significado.

Saussure (2006, p. 83, grifo do autor) alerta, porém, que a palavra arbitrário não “deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha” daquele que fala, pois “o significante é *imotivado*, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.”

Portanto, entendemos que, para esse autor, o signo linguístico é convencional, resultando de um acordo implícito entre os indivíduos de determinado grupo, que passam a usá-lo em ambiente onde ocorre comunicação.

A respeito da arbitrariedade, Costa (2012, p. 35) expõe que “[...]”

Klima & Bellugi provaram que as línguas de sinais não são uma língua universal por causa da arbitrariedade e que cada língua de sinais diferente possui uma convenção.” Costa (2012, p. 35) também aponta que os estudos desses autores “[...] favorecem o entendimento de que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos, mas devem ser entendidos como se fossem um contínuo: alguns sinais são mais icônicos e menos arbitrários, outros mais arbitrários e menos icônicos” e que, “Nas línguas de sinais, temos sinais mais icônicos ou mais arbitrários, os mais icônicos podendo perfeitamente representar conceitos abstratos quando são usados metaforicamente”.

Considerando os conceitos abordados pelos autores mencionados anteriormente, a compreensão trazida de iconicidade e arbitrariedade, podemos aprofundar os estudos da pesquisa: entender com mais clareza os processos produtivos.

3.3 METÁFORA

Neste capítulo, tratamos da metáfora. Partimos da noção tradicional clássica, abordamos algumas de suas características e, em seguida, procedemos ao entendimento de uma acepção mais recente desse conceito, desenvolvida no campo de estudos da linguística cognitiva. Assim, fazemos uma síntese da teoria da metáfora conceitual proposta por Lakoff e Johnson (1980) e, a partir disto, relacionamos os seus pressupostos às metáforas utilizadas na língua de sinais a partir da perspectiva contemplada nos estudos de Wilcox (2000) e Taub (2001).

3.3.1 Metáforas na perspectiva tradicional

Segundo Mendonça (2008), o conceito de metáfora é elaborado desde a Antiguidade clássica e, para melhor compreender este conceito, podemos imaginá-lo a partir de dois períodos: um que se estendeu até o final do século XVIII e outro que teve início no século XIX. No primeiro período, existia uma valorização dos aspectos objetivos da relação entre o homem, sua criação e o universo e, no segundo período, passaram a ser enfatizados os aspectos subjetivos derivados dos sentidos, da intuição e da imaginação.

A autora afirma que a metáfora tem se baseado, desde então, em três tipos de relações: a) semelhança ou analogia; b) conexão e correspondência; e c) extensão e compreensão. Essas relações envolvem

o significante; o respectivo significado literal, definido pela sua filiação histórica e pela referência à “coisa” designada e denotada; e um significado novo.

Para Aristóteles (2004, p.83), a metáfora seria “[...] a transferência de uma palavra que pertence à outra coisa, ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra ou por analogia”.

Na visão aristotélica, que a vê como uma figura de linguagem, a metáfora, como todas as outras figuras, seria um recurso linguístico com motivação fundamentalmente poética ou retórica. A partir do uso de um determinado *tropo*², um sentido literal seria “desviado” por meio de palavras, imagens, frases ou expressões para que um determinado significado fosse alcançado.

Como recurso estilístico, nessa perspectiva tradicional, as metáforas apresentam três características principais: a originalidade, a ambiguidade e a surpresa. Seria aquilo que dá matiz ao estilo de um autor e que, ao induzir as interpretações, permitiria uma série de relações inusitadas.

Autores, como Paschoal (1990, p.115), Guimarães e Lessa (2003, p.9), enfocam a ideia de subjetividade que subjaz à metáfora. O primeiro a define como “[...] um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa”, e os outros dois autores esclarecem que a metáfora “[...] é a figura de palavra em que um termo substitui o outro em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam”. Afirmam, ainda, que essa semelhança resulta da imaginação, da subjetividade de quem a cria, bem como “pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo comparativo não está expresso, mas subentendido”.

Ambas as perspectivas, que nos trazem as características do segundo período ao qual nos referimos no início deste capítulo, colocam o foco sobre a subjetividade, isto é, pressupõem as experiências, a sensibilidade, uma compreensão acerca de contextos de maneira flexível e não rígida de conceituar o mundo.

Um exemplo clássico em língua portuguesa seria: “Sua cabeça está explodindo”. A cabeça não está literalmente explodindo, mas pode ser traduzida, dependendo do contexto, como algum tipo de aumento de pressão como decorrência de exaustão ou dor. Na língua de sinais,

² Do grego *tropô*, que significa mudar, mudar de direção ou de significado.

podemos citar o exemplo: EU ESPERAR ELE NÃO VIR, EU PALHAÇ@³ (Figura 35), cuja tradução é “Eu esperei e ele não veio. Sou uma palhaça”.⁴



Figura 35: EU ESPERAR ELE NÃO VIR, EU PALHAÇ@

Como podemos perceber, os conceitos metafóricos estão sempre presentes, continuamente auxiliando também na compreensão do nosso pensar, sentir e agir. Além disso, podemos considerar que os exemplos apresentados sejam indicativos da existência de metáforas tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas orais.

Ampliando o entendimento da metáfora e as formas como pode se apresentar, compreendemos que, dentro da metáfora, encontramos a possibilidade de sentidos metafóricos serem expressos por meio de verbos, substantivos e adjetivos também nas línguas de sinais.

A metáfora “Ele é uma cabeça dura”, presente no Português, cujo sentido metafórico se expressa no uso do adjetivo “duro” para

³ Ilustramos os exemplos da Língua de Sinais Brasileira com fotos da pesquisadora, acompanhadas da tradução e da transcrição para a língua portuguesa. O sistema de transcrição de sinais que utilizamos foi criado pelas pesquisadoras Quadros e Karnnop (2008).

⁴ Cabe destacar que esses dois exemplos, do Português e da Libras, mostram que até mesmo metáforas consideradas sob esse viés tradicional podem ser incorporadas à linguagem cotidiana e se tornarem convencionalizadas. Isso sugere que as características estilísticas apontadas anteriormente (originalidade, ambiguidade, surpresa) possam ser neutralizadas ao longo do tempo, desde que a metáfora se torne convencionalizada, como será discutido a seguir, a respeito da metáfora na perspectiva da linguística cognitiva.

designar uma pessoa “teimosa”, também é utilizada na Libras, conforme podemos verificar na Figura 36.



Guimarães e Lessa (2003) explicam que o mais interessante é a possibilidade que o sujeito tem quanto a essa associação, pois, como depende da subjetividade do criador da metáfora, prevalece a lógica da sensibilidade nessa ocasião.

3.3.2 Metáforas na perspectiva da linguística cognitiva

Por muito tempo, conforme afirmam Lakoff e Johnson (2002), a metáfora foi considerada apenas um fenômeno da linguagem, um ornamento linguístico presente em obras literárias. Dentro dessa perspectiva, ela tendia a ser apontada como um desvio da linguagem habitual e, portanto, infrequente no discurso cotidiano e particularmente inadequada no discurso científico. Pretendendo manter um rigor teórico e retórico, o discurso científico deveria utilizar uma linguagem clara e precisa para partilhar o conhecimento em cada domínio de atividade.

Porém, as metáforas não se mantiveram apenas como expressão de competência retórica ou estilística. A necessidade da ciência e da tecnologia de criar novas denominações para novos objetos que surgiam em seus campos acabou por reconhecer um valor designativo para as metáforas. Além disso, também foi reconhecido um valor pedagógico das metáforas como instrumentos linguísticos que facilitavam a descoberta e a aprendizagem.

Foram as investigações no campo das ciências cognitivas que fizeram surgir as chamadas metáforas cognitivas, aquelas que, segundo Mendonça (2008), encontram-se enraizadas nos discursos cotidianos e serviram de base para o desenvolvimento de conceitos abstratos e bastante complexos usados pela ciência atual como auxiliares no

processo de conceitualização da realidade.

A metáfora cognitiva é um elemento fundamental para a compreensão das experiências humanas, pois organiza um sistema conceitual a partir de outro, já assimilado e aceito, e permite reconstruir uma vivência de forma a agilizar o processo de apropriação e interpretação da realidade.

Dentro da teoria da metáfora conceitual, temos, ainda, a concepção de que as metáforas podem participar da elaboração de esquemas imagéticos para proporcionar uma compreensão de áreas mais abstratas. Os esquemas imagéticos se formam por meio da percepção sensoriomotora sobre as experiências humanas mais primitivas e vividas espacialmente.

Para entender essa função estruturante da metáfora na cognição, podemos partir da diferença entre o compreender e o experienciar. Experienciar relaciona-se com o envolvimento corporal direto com o ambiente imediato e é a partir desse envolvimento da percepção com o mundo que criamos conceitos primitivos, como os de objeto, substância, continente, entre outros. Já a compreensão é um ato cognitivo indireto, que tem seu lugar quando elaboramos o sentido mais abstrato de nossa experiência, tais como as emoções e estados mentais. Para compreendermos o mundo dessa maneira indireta, segundo Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é uma operação cognitiva essencial.⁵

Ainda em relação a essa tese, os autores apontam que a comunicação linguística faz uso desse mesmo aparato cognitivo para pensar, sentir e agir, de modo que a linguagem, ao invés de ser a motivação da metáfora, constitui-se, na verdade, como uma das dimensões humanas que tornam essa operação cognitiva visível, manifesta ao olhar do analista.

Um conceito metafórico presente na linguagem cotidiana e apresentado por Lakoff e Johnson (2002) é o de “discussão”, o qual associamos à metáfora conceitual de que “discussão é guerra”.

Explicam, em relação a essa metáfora, que,

Embora não haja batalha física há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma

⁵ Nesse sentido, é interessante a observação de Streek (2009) que nos lembra de que a palavra *comprehension*, do inglês, etimologicamente relacionada à “compreensão”, no português, deriva das noções de “com” e “prender”, evocando algo que foi “pego” ou “capturado”. Não por acaso, o sinal convencional que denota o ato de “aprender”, em Libras, é realizado por meio de um gesto de “pegar”, na região da testa.

discussão – ataque, defesa, contra-ataque etc. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão. (Lakoff e Johnson, 2002, p. 47, grifo do autor).

Com base no exemplo exposto, consideramos que, em vários momentos, ao citarmos o conceito “discussão”, fazemos referência ou evocamos, de alguma forma, o conceito de guerra.

Mais uma vez, evidência para a natureza conceitual dessas metáforas pode ser encontrada no contraste entre línguas orais e línguas de sinais. Tal como demonstra Taub (2001), para a língua de sinais americana, na Libras a iconicidade dos sinais nos permite ver esse processo metafórico de maneira mais evidente: nesse caso, o sinal convencional utilizado para uma discussão que envolva fortes discordâncias e reprovação é realizado por meio da justaposição de dois gestos também utilizados para a ideia de “morder” (como seria, por exemplo, no contexto de “o cachorro mordeu”), um frente ao outro.

Os autores argumentam, ainda quanto à metáfora apresentada, que “[...] o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada.” (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 48). Embora convencionalmente façamos uso das metáforas, é incomum termos consciência desse uso.

Assim, com a teoria das metáforas conceituais, a metáfora deixou de ser vista como um mero recurso poético ou estilístico para ser compreendido como um mecanismo que desempenha um papel central na definição da nossa realidade cotidiana. As metáforas estruturam tudo o que percebemos do mundo e o modo como relacionamos com outras pessoas, permitindo que estructuremos diferentes tipos de experiências abstratas e imaginativas a partir de um mesmo conjunto de conceitos primitivos – chamados por Lakoff e Johnson de esquemas imagéticos (*image schemas*), emergentes a partir da experiência subjetiva humana na realidade que o cerca.

É nesse sentido que pretendemos relacionar a metáfora com a língua de sinais. A fim de identificar os processos de produção de expressões inovadoras na Libras, pretendemos fazer recurso tanto aos conceitos de iconicidade quanto de metáfora. Além disso, cabe destacar que o conceito de metáfora de Lakoff e Johnson não contradiz a visão

tradicional de metáfora. Apenas a expande tornando a expressão metafórica original, ambígua e inovadora, um caso especial de um processo mais geral que, de fato, está enraizado na cognição humana. Essa observação é importante, pois demonstramos de que modo alguns processos metafóricos inovadores estão relacionados com processos metafóricos já convencionalizados na língua.

3.3.3 Tipos de metáforas conceituais

Para compreendermos mais profundamente a teoria da metáfora conceitual proposta por Lakoff e Johnson (1980), passemos agora a explicitar três tipos de processos metafóricos: as chamadas metáforas estruturais, as metáforas orientacionais e as metáforas ontológicas, que abrangem, ainda, a personificação.

As metáforas estruturais são processos segundo os quais uma experiência ou atividade é estruturada metaforicamente em termos de outra experiência ou atividade. Um exemplo seria: “Eu não vejo essa questão da mesma forma que você”, no qual a experiência de compreender, mais abstrata, é estruturada em termos da experiência de ver, mais concreta, ou ainda, “Eles bateram boca durante toda a aula”, em que a experiência de discutir é estruturada em termos da experiência de uma briga.

A metáfora orientacional é aquela em que conceitos abstratos adquirem seu sentido a partir de diferentes experiências corporais e perceptuais de orientação no mundo (LAKOFF E JOHNSON 2002, p. 59). As metáforas desse tipo têm relação mais direta com a questão espacial, visto que orientam um conceito relacionado ao corpo humano e à maneira como se apresenta no espaço físico (e.g. para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – embaixo de, fundo – raso, central – periférico. Os autores apresentam como exemplo de metáfora orientacional sentenças tais como: “Hoje estou me sentindo nas nuvens” (BOM é PARA CIMA) e, inversamente, “Eu caí em depressão” (RUIM é PARA BAIXO). (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 59).

A metáfora ontológica “[...] é forma de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias”, quando de fato tais experiências são abstratas e não possuem esse estatuto ontológico (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 76). Assim, as nossas experiências com objetos e o corpo físico fornecem a base para uma

variedade de metáforas ontológicas. A metáfora ontológica *mente*, por exemplo, é referida como se fosse uma entidade específica relacionada a diferentes tipos de objetos, que nos oferecem diferentes modelos para a compreensão do que é a *mente*.

Por exemplo, a metáfora da MENTE como uma MÁQUINA nos dá uma compressão de *mente* como “algo” que pode estar ligado ou desligado, ter um nível de eficiência, uma capacidade produtiva, um mecanismo interno, uma fonte de energia e uma condição operacional. Assim, podemos encontrar frases tais como “Ele pifou”, “Tá ligado?”, “Hoje ele tá ligado no 220”, entre outras, que pressupõem a metáfora: a MENTE é uma MÁQUINA.

Há um subtipo de metáfora ontológica que é a personificação. Definida pela ideia de um elemento não-humano, é concebida como uma pessoa. Logo, por exemplo, a metáfora VIDA É UMA PESSOA licencia uma série de expressões metafóricas, tais como “A vida me roubou as alegrias” ou “A vida me trapaceou”. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 87), “Talvez as metáforas ontológicas mais óbvias sejam aquelas nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas”.

Paralelamente às metáforas conceituais estão os processos metonímicos, que operam de forma estreita junto aos processos metafóricos. Lakoff (1987) distingue a metonímia da metáfora destacando que a metonímia tem, principalmente, uma função referencial, que nos permite usar uma entidade para representar outra. Entender ou decifrar a metonímia é encontrar o termo que foi substituído, isto é, encontrar o referente que atende à dupla condição de ocupar a posição do substituto e manter com este relação de contiguidade.

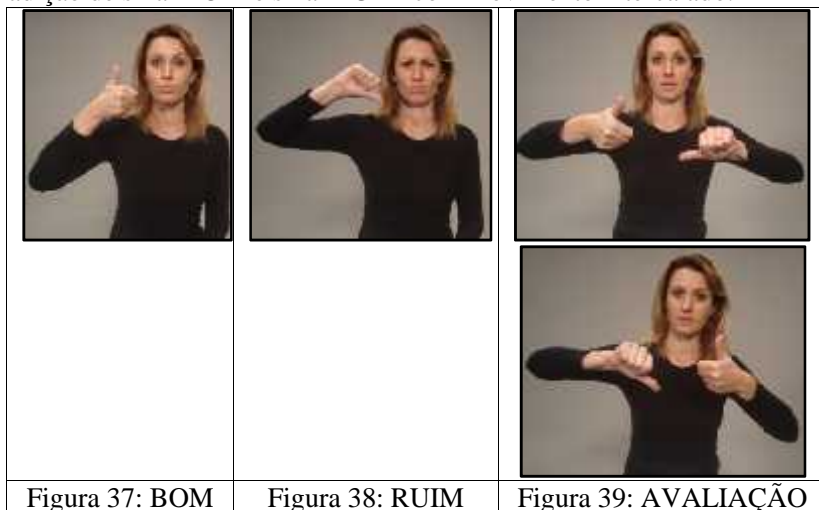
3.3.4 Processos metafóricos em língua de sinais

Uma das mais renomadas autoras de pesquisas na ASL da atualidade, Wilcox (2001), defende a ideia de que o estudo de metáforas em língua de sinais deve considerar a influência da cultura e que, pelo fato de que as comunidades surdas são caracterizadas por uma apreensão de mundo basicamente visual, a questão do cognitivo visual tem uma importância na organização de elementos da cultura e varia de acordo com a organização social.

Partindo dessa apreensão visual e do fato de que é a substituição da falta de algo por uma experiência concreta que marca uma organização cultural específica, uma “metaforização da visão” tem sido identificada por Frehse (2007) no que diz respeito à experiência perceptiva mais autêntica para os surdos.

Nesse sentido relacional entre processos metafóricos e cultura, Brito (1995, p.225) afirma que as metáforas orientacionais em Libras são as mesmas encontradas nas línguas orais ocidentais.

Wilcox (2001) argumenta que, na ASL, a orientação do sinal para cima refere-se ao estar bem, às coisas positivas, ao que é bom, ao passo que a orientação do sinal para baixo representa estar mal, a coisas negativas, ao que é ruim. A orientação espacial acima-abixo, frente-trás, dentro-fora, perto-longe corresponde a funções corporais que, na língua de sinais, devido ao seu caráter visual, tornam-se ainda mais evidentes pela própria natureza visual da estrutura dos seus signos. Podemos clarificar com alguns exemplos, como BOM (para cima), Figura 37; RUIM (para baixo), Figura 38; e AVALIAÇÃO, Figura 39, é adição de sinal BOM e sinal RUIM com movimento intercalado.



Faria (2003) cita a pesquisa de Brennan (1990) que, ao tratar da língua de sinais britânica (BSL), defende que as relações metafóricas são parte integrante da organização estrutural dos sinais, participando de forma ativa na produção de neologismos. A autora afirma ser possível agrupar sinais individuais num conjunto que compartilha a mesma

metáfora subjacente. Destaca, também, que a comunicação surpreendentemente eficaz encontrada entre sinalizantes usuários de diferentes línguas de sinais em contextos de contato, pode ser atribuída em parte às experiências visuais e espaciais comuns entre os falantes, bem como a processos de metaforização convencionais construídos a partir dessas experiências.

Já, no que se refere às metáforas ontológicas na língua de sinais, Wilcox (2001) esclarece da seguinte forma: a mente é uma entidade, objetos podem ser colocados dentro de um recipiente e exercer por meio de classificadores e configuração de mãos para o conduto metáfora.

Taub (2001) contribui para a compreensão do conceito de metáfora. Explica que é forte a ligação entre metáfora e iconicidade. Cita que a metáfora trabalha claramente na ASL, “vocabulário para domínios abstratos (alvo) muitas vezes consiste em representações icônicas (domínio fonte) de entidades concretas”. Traz, na pesquisa, um exemplo claro para essa situação. O sentido do verbo ANALISAR em ASL (Figura 40), os movimentos de configuração de mãos “V dobrado” mostram iconicamente o processo de cavar mais fundo em algum meio.



Figura 40: ANALIZAR em ASL

Taub (2001) relata que “Adicionados ao léxico, os sistemas de classificadores icônicos utilizados para descrever movimentos, posições e formas podem ser aplicados para a descrição metafórica de situações abstratas (não-físicas)”.

A relação entre metáfora e iconicidade, discutida por Taub (2001), é também verificada em línguas faladas, no entanto, com menos frequência. Diferente disso, em línguas sinalizadas, esse fenômeno é bem comum. O autor acrescenta, ainda, que metáfora sem iconicidade dificilmente pode ocorrer.

Relacionando as metáforas conceituais propostas por Lakoff e Johnson (2002) aos estudos desenvolvidos na língua de sinais, foi

possível verificar algumas aproximações que foram úteis à nossa pesquisa. Para isso, tomamos particularmente os estudos de Taub e Wilcox como base de análise, entendendo-os como fundamentais para a investigação dos processos de produção de sinais inovadores.

3.4 NEOLOGISMO

Neste capítulo, fazemos uma abordagem sobre neologismo e sinais inovadores.

A língua viva sempre está em movimento, evolui rapidamente e introduz novos termos e alguns se arcaízam. Alguns novos vocábulos são aceitos, e outros aos poucos vão caindo em desuso.

Nesse contexto, temos o processo de criação lexical, denominado de neologia, e o elemento resultante, a palavra nova, cuja denominação é neologismo. Segundo Alves (1994), o neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, no caso, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos.

Quanto à língua de sinais, tem se expandindo velozmente, e, cada vez mais, a comunidade surda amplia os vocabulários, incorpora novos sinais e, assim como qualquer outra língua, alguns sinais também acabam deixando de existir.

A necessidade de nomear as novas criações faz com que contribua não só para a linguagem técnica ou científica, mas para a linguagem em geral, pois ambas, ciência e técnica, participam do nosso cotidiano, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, acelerando o ritmo, modificando os padrões comportamentais. (Carvalho, 1987 p. 9).

A inovação linguística é muito mais que um ato linguístico. É um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade.

No Brasil, as inovações desenvolvidas no Rio de Janeiro ou São Paulo logo são socializadas, pois a imprensa tem o poder de veicular a língua por meio de programas, novelas, jornais e revistas. A moda e o prestígio social atingem até a pronúncia e a escolha dos termos. É pelos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os

neologismos recém-criados têm oportunidades de serem conhecidos e difundidos (ALVES, 1994).

Nem todas as inovações são aceitas, porque a adoção é uma seleção e, normalmente, aceitamos aquilo que é funcional e certo, condizendo a uma necessidade estética, social ou funcional da sociedade (Carvalho, 1987).

Na comunidade surda, a inovação dos sinais ocorre nos diversos enunciados entre os usuários da Libras. O falante nativo tem total domínio dos processos de formação de sinais, pois tem a sua língua internalizada. Muitas vezes, cria um novo sinal sem perceber que está utilizando um dos processos existentes na língua. Foi nesse contexto que buscamos identificar sinais inovadores e verificar o processo de criação desses sinais.

Existem várias formas de classificar os neologismos. De acordo com Alves (1994), os neologismos podem ser classificados em neologismos fonológicos, neologismos sintáticos, neologismos semânticos e neologismos por empréstimo.

A neologia fonológica supõe a criação de um léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, um item criado sem base em palavra alguma existente. Alves (1994) esclarece que esse fato é extremamente raro em todas as línguas.

Os neologismos sintáticos supõem a combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, como a derivação ou a composição. São denominados sintáticos porque a combinação de seus elementos constituintes não está circunscrita especificamente ao âmbito lexical, mas tange, também, ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; e os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de um elemento lexical (ALVES, 1994). Esse neologismo subjaz uma aceitação de morfemas prefixais ou sufixais elencados a estruturas lexicais já existentes e são muito utilizados na produção contemporânea.

O neologismo semântico contempla uma mudança no conjunto dos semas referentes a um item léxico. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, por exemplo, vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e se transformam em novas unidades lexicais.

A neologia por empréstimo se manifesta em diferentes níveis. Aqui, citamos o estrangeirismo proposto por Alves (1994). É

denominado estrangeirismo o elemento estrangeiro empregado em outro sistema linguístico que não faz parte do acervo lexical do idioma. Costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada.

McCleary (2007) afirma que um signo linguístico é a união de um conceito com uma forma fonológica. Para o autor, uma palavra é uma “forma fonológica” (significante) que significa um “conceito” (significado). Para exemplificar quais opções, temos para inventar novas palavras. O autor apresenta a seguinte elaboração:

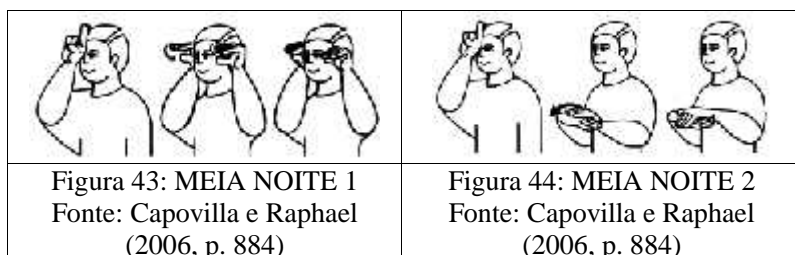
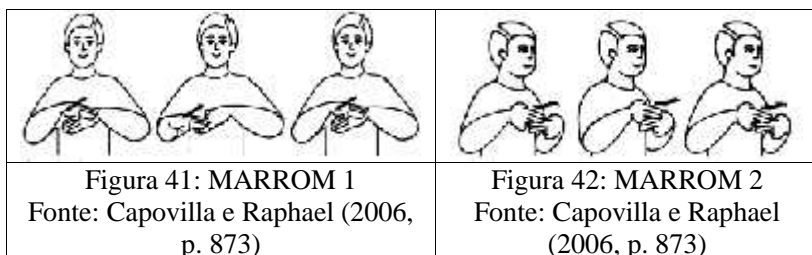
- Velho conceito + nova forma fonológica,
- Novo conceito + velha forma fonológica e
- Novo conceito + nova forma fonológica.

O primeiro processo é bastante comum na criação de sinônimos, que são palavras diferentes que significam a mesma coisa. Na língua portuguesa, podemos perceber esse processo na criação da palavra *imexível*, pronunciada pelo então Ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, em 1990 (MCCLEARY, 2007).

O conceito de “*imexível*” não é novo. No caso, o Ministro usou essa palavra para dizer que não se podia mexer no plano do Presidente. Atualmente, a palavra *imexível* se encontra no dicionário. McCleary (2007) esclarece que esse neologismo (*imexível*) é um exemplo dos processos de derivação. Tais mecanismos usados são produtíveis: *mex*er - *mexível* – *imexível*.

O autor ressalta que essas novas palavras não são completamente novas, pois são feitas sempre usando recursos da língua. Porém, esse processo é bastante útil, pois podemos aproveitar os significados que as pessoas já conhecem e combiná-los de uma forma nova.

Durante a realização desta pesquisa, não encontramos, no que concerne à língua de sinais, estudos relacionados ao processo de criação de sinônimos. Foi possível constatar, porém, no dicionário trilingue, de Capovilla e Raphael (2006), que existem vários sinais regionais. Temos o entendimento de que esses sinais podem ser usados como sinônimos. Considerando que dicionários são utilizados também na tentativa de padronização de uma língua, ter mais exemplos de um mesmo conceito pode significar que sejam sinônimos. Apresentamos alguns exemplos nas figuras 41, 42, 43 e 44.



O segundo processo destacado por McCleary (2007) – Novo conceito + velha forma fonológica – se refere ao uso de uma palavra existente e a ela “adicionar” um novo significado, multiplicando os seus significados. Em Libras, podemos pensar o sinal CACHORRO (Figura 45) para dois conceitos: o primeiro, para animal, e o segundo, para designar um sujeito omissso (passivo).



Referente ao terceiro processo – Novo conceito + nova forma fonológica – trazemos como exemplo, na língua de sinais, o nome do curso de Licenciatura, Letras/Libras, Bacharelado (Figuras 46, 47 e 48), entre outros sinais técnicos criados nos espaços acadêmicos desse contexto.



Figura 46: Sinal LICENCIATURA

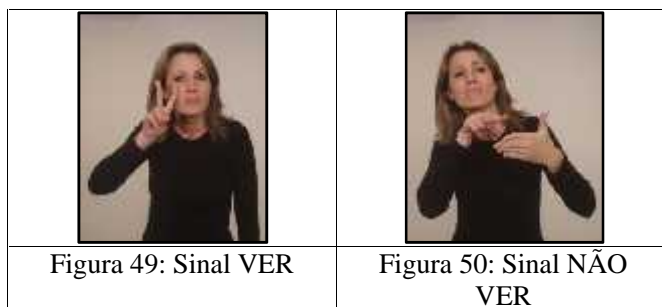


Figura 47: Sinal LETRAS/LIBRAS



Figura 48: Sinal BACHARELADO

Outra situação percebida durante a pesquisa, em relação ao neologismo é que, em muitas situações, ele se mostra como associação a uma negação. Para clarificar essa observação, destacamos, nas figuras 49 e 50, alguns dos exemplos observados.



Em poucos momentos, mas marcados historicamente, os neologismos trazem apontamentos culturais em seus contextos, como, por exemplo, a necessidade de sinalizar fazendo uso do sinal convencionalmente utilizado para demonstrar a expressão “Não dar bola”, sinalizando no olho (Figura 51), marcando que é com os olhos que devemos ignorar, e não no ouvido quando se tratando de um ouvinte (Figura 52).



Como é possível perceber, há diversas formas de criar palavras novas. Com os aspectos apresentados anteriormente, mostramos resumidamente ao que se refere o neologismo.

3.5 INOVAÇÕES NA LÍNGUA DE SINAIS

Consideramos os sinais em formas irônicas e metafóricas como expressões inovadoras, os quais são usados de maneira espontânea no cotidiano e provocam risadas e humor.

Klima e Bellugi (1979) colocam que as brincadeiras em sinais são algo parecido com trocadilhos. Os autores esclarecem que um trocadilho na língua falada depende da exploração da equivalência ou similaridade do som em duas palavras que são diferentes em significados podendo ser compactadas em um contexto linguístico em que ambas tem aplicação. Na ASL os trocadilhos podem ser percebidos nos aspectos como: sinais com dois significados, pares de sinais que são quase homônimos na forma, mas distintos nos significados. Klima e Bellugi (1979) exemplificam esse trocadilho com o sinal TREZE que se difere do sinal EJACULAR em mínimos aspectos (ver qual aspecto), este par de sinais formou a base de um trocadilho, quando sinalizado assim por um surdo: SUPOR HOMEM, IDADE EJACULAR. Traduzindo essa frase para a língua portuguesa seria: Você sabe que ele é homem quando ele chega à idade de ejacular.

A brincadeira com o sinal é evidenciada ao criar o sinal composto “treze anos de idade”, com uma sutil alteração que caracteriza o sinal “ejacular”, produzindo um trocadilho.

As brincadeiras em sinais, por nós definida como expressões inovadoras, na maior parte são enunciados completos; a réplica perfeita, a compressão de significado e a forma em um único e alinhado conjunto (KLIMA E BELLUGI, 1979). Às vezes a condensação acontece substituindo-se elementos de um mesmo sinal, às vezes usando-se as duas mãos para fazer dois sinais diferentes simultaneamente, às vezes mesclando-se um sinal a outro ou combinando um sinal com outro.

Tais expressões inovadoras em língua de sinais mostram consciência da parte dos sinalizantes de parâmetros linguísticos, consciência de regularidades, como evidenciadas ao se quebrarem regras para criarem as expressões inovadoras.

Faremos o uso de parte da pesquisa apresentada por Klima e Bellugi para analisar os nossos dados referente à expressões inovadoras.

3.6 LINGUÍSTICA COGNITIVA

Neste capítulo, tratamos da Linguística Cognitiva como a corrente de estudos linguísticos, surgida no final do século XX, que se propõe a descrever fenômenos de funcionamento das línguas nos contextos comunicativos partindo da premissa de que esses fenômenos são dinâmicos e influenciados pelas experiências dos sujeitos e suas comunidades.

Pelo fato de ser baseada numa tradição vasta e diversificada, para que pudéssemos melhor compreendê-la, buscamos, nos estudos de Salomão (2009) e Chiavegatto (2009), os trajetos que fizeram essa corrente se desenvolver. Posteriormente verificamos quais as premissas que atualmente regem os estudos desse campo no Brasil.

3.6.1 Antecedentes históricos

Salomão (2009) e Chiavegatto (2009) enfatizam que a modernidade dos estudos da linguagem se deu a partir de Saussure que, em seu *Curso de Linguística Geral* (1916), instaurou um modelo científico para o tratamento das línguas em geral. Saussure tratava a linguagem como um sistema, e seu programa de investigação estava centrado nas estruturas linguísticas formais: o objeto eram as línguas, o método era a comparação entre formas e a unidade era chamada de signo linguístico. O signo linguístico propunha-se a unir de maneira indissociável uma imagem acústica (a qual chamou de significante) e uma imagem mental (o significado). Ao propor uma autonomia dessa nova ciência, isolando-a de outras disciplinas, como a antropologia, a história e a sociologia, os primeiros linguistas priorizaram estudos com foco no significante e acabam por excluir o sujeito. Trata-se da corrente estruturalista que foi soberana por todo o século XX.

Salomão (2009, p. 63), ao abordar uma genealogia das questões centrais da linguagem, inclui, nessa primeira corrente, tanto os trabalhos de Saussure como os de Durkheim e Frege, considerando-os um influente triângulo de referência cujos eixos de trabalho envolviam o “foco da análise no significante e o tratamento do significado em termos de relações de correspondência das formas com a realidade discursiva que elas designam”.

Pelo viés antropológico, Edward Sapir (1921) também influenciou o desenvolvimento dos estudos da linguagem ao verificar,

de maneira original, que havia uma relação estreita entre língua e cultura enquanto descrevia as línguas indígenas ágrafas em contextos diferenciados. Essa percepção de que a cultura está presente na língua de um povo fez Sapir desenvolver a hipótese do relativismo linguístico que foi bastante criticada pelo determinismo e pela relativização das estruturas para a qual apontava. Somente mais tarde, ao final do século XX, é que essas hipóteses de Sapir foram retomadas e passaram a integrar os estudos da dialética entre línguas e culturas que seria enfatizado pela linguística cognitiva.

Um terceiro aspecto importante do trajeto da linguística cognitiva, de acordo com Chiavegatto (2009), foi a influência de Bloomfield (1935) que verificou a necessidade de processos de descobertas de *morfemas* – as unidades mínimas entre significante e significado – para que fosse possível descrever as línguas e culturas indígenas que estavam em extinção. Criou-se, a partir de então, um instrumental formal para a descrição sintagmática dos enunciados sem que houvesse aproximações com a semântica.

Todo este instrumental formal abriu caminhos para o trabalho de Chomsky (1957) e sua “revolução gerativa”. Chomsky trouxe, conforme Salomão (2009), um “compromisso cognitivista” que abordava os processos de aprendizagem da linguagem e a infinita expansividade das formas linguísticas como contraponto à natureza da mente. Além disso, propunha que as descobertas empíricas a este respeito deveriam ser avaliadas contra a postulação de princípios gerais inatos, cuja articulação corresponderia à “faculdade da linguagem”. A geração das formas passou a ser tratada como uma capacidade do sujeito.

Para Chiavegatto (2009), a abordagem de Chomsky culminou com a intensa abstração na análise linguística: é feita a distinção entre competência e desempenho, é proposta a abstração de fatores ligados ao desempenho linguístico dos usuários em prol de estudos sobre a competência linguística de um “falante-ouvinte ideal” – uma construção teórica que permitiria descobrir a forma geradora das estruturas linguísticas de modo autônomo, sem interferência de aspectos pessoais, sociais, culturais ou de qualquer outra natureza.

Configurando ainda essa trajetória, Chiavegatto (2009) inclui os estudos posteriores de Goffman (1967) que propôs os frames de interação; os estudos de Hymes (1974) acerca das relações entre línguas

e culturas; e os de Gumperz (1982) que começam a tratar do papel do contexto pragmático das relações entre línguas e culturas.

Até esse ponto, percebemos que se estabeleceu a soberania de um paradigma que colocava o foco no significante por meio das descrições das línguas. Esse paradigma foi incisivamente questionado a partir dos anos 80 do século XX, por uma abordagem mais pragmática, centrada nas relações entre línguas e cultura.

Da insatisfação com os resultados das pesquisas gerativas, que desvinculavam o sujeito da língua que ele usava para se comunicar, uma corrente funcionalista surge. Para Chiavegatto (2009), esta corrente passa a focalizar o estudo das línguas a partir da análise das formas em seu uso real e levando em conta as relações que estabelecem com o contexto comunicativo. A ideia que a fundamenta é a de que há um relacionamento motivado entre forma linguística e função comunicativa, tratando a língua como uma estrutura maleável, ou seja, uma estrutura que se adapta de forma contínua às necessidades de expressão de pensamentos e interação entre os homens.

Ao entender que a linguagem existe para que as pessoas possam criar suas narrativas de vida, para que possam avaliar situações, prever o futuro, para planejar, influenciar interlocutores e até mesmo mentir, a linguística cognitiva abre o campo das perguntas que se podem erigir acerca da linguagem. Salomão (2009) presume que essa concepção de linguagem, como instrumento cognitivo, aciona um conjunto de princípios aparentemente simples, gerais e limitados, a operar sobre bases de conhecimento subjacentes na memória, ou presentes, como contexto, na situação comunicativa.

É possível observar, ainda, a partir da visada de Chiavegatto (2009), que o funcionalismo se divide em duas grandes vertentes: uma externalista, que analisa a relação forma e função nas motivações que atuavam na superfície discursiva, investigando a iconicidade, os princípios conversacionais, especialmente pautados pelos estudos de Talmy (1988) e Givón (1995); e outra, que investiga as razões internas de a língua ser como é, ou seja, os aspectos cognitivos que expressam as relações entre pensamento e linguagem. Nessa vertente, incluem-se Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Fauconnier (1994).

3.6.2 Premissas da linguística cognitiva

Como campo de estudos, a linguística cognitiva enfoca os processos de construção de significados a partir das interações linguísticas. Baseada no fundamento de que as estruturas linguísticas são maleáveis e moldadas continuamente às necessidades de comunicação e expressão, considera que o significado dos enunciados é guiado pelas formas linguísticas; é uma construção mental que expressa a relação entre conhecimento e linguagem e que é validado no contexto comunicativo.

Por consequência, uma gramática não deve ser entendida como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras e sentenças, mas como princípios gerais que operam de maneira processual sobre as bases de conhecimento.

De acordo com Salomão (1999), as investigações cognitivas no Brasil têm sido abordadas a partir de três premissas básicas:

1º - *O princípio da escassez do significante* – se verifica na impossibilidade de a forma linguística “dizer” tudo o que se quer significar. Aqui, encontramos dois aspectos: uma subdeterminação do significado pelo significante, que nos permite ultrapassar a distinção tradicional entre o sentido da sentença e o sentido do falante; e uma impossibilidade de distinguir significados literais e não literais, pois tudo acaba por se agregar à significação e ao contexto dinâmico da situação comunicativa. Os sentidos figurativos, as implicaturas, as ironias, as conotações tornam-se centrais para analisar as correlações entre linguagem e cognição.

2º - *A semiologização do contexto* – sendo o contexto dinâmico, e não uma variável estática, são essenciais as noções de enquadramento, perspectiva e foco para que tratemos a interatividade das diversas semioses. O mundo como o percebemos e conceitualizamos é também sinal a ser agregado à interpretação. É o contexto que validará o significado das construções.

3º - *Toda a representação é um drama* – considerando que a linguagem é uma forma de representação do mundo, que envolve a maneira como o enquadramos e aquilo para o qual dirigimos o foco de atenção, representar é uma forma de interpretar: é representar papéis no sentido dramático mesmo. Para que as construções linguísticas façam sentido, é necessário que interpretemos os sinais que compõem os enunciados em

relação à interação social no qual está inscrito: o sentido se constrói sempre para alguém, nem que seja para si mesmo e fazer sentido envolve assumir um papel e um olhar sobre uma cena, com todos os elementos um ato dramático requer: cenários, sonoplastia, personagens, enfim, papéis sociais a representar.

Entendemos que as premissas apresentadas definiram nossa posição no campo e serviram como base para as análises a serem realizadas em nossa pesquisa, partindo do princípio de que esta se ampara em experiências reais de uso da Libras e que se situa em contextos de interação natural e socialmente estabelecidos. A abordagem da linguística cognitiva por Taub (2001) utilizada para explorar a relação entre iconicidade e metáfora na ASL, bem como a semântica cognitiva proposta por Lakoff e seus colaboradores, foram selecionadas por nós como perspectiva de estudos que contribuiriam para as análises do objeto desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa, a qual se encontra fundamentada na argumentação de Silva e Menezes (2005) de que o ideal é empregar métodos visando ampliar as possibilidades de análises, considerando que não há uma forma capaz de abarcar toda a complexidade das investigações.

Para alcançar o objetivo de explorar as fontes de iconicidade convencionais e não-convencionais dos sinais, propusemos coletar os dados por meio de produções sinalizadas em contexto cotidiano, em sala de aula⁶, local de trabalho⁷, comunidade surda⁸, vídeo utilizado para a pesquisa de Leite (2008)⁹, como também em vídeos caseiros divulgados no *youtube*.

Nossos dados são complexos e restritos, uma vez que captar o fenômeno no cotidiano requer uma visão de pesquisador em tempo integral. Além disso, não é possível afirmar que os sinais sejam totalmente inovadores. Esclarecemos que os sinais são inovadores para nós, pesquisadoras, que nunca os havíamos presenciado antes. Além disso, as inovações envolveram quebra de sinais convencionais e nos causam surpresa por serem diferentes e inovadores.

4.1 COLETA DOS DADOS

Primeiramente, descrevemos como procedemos na coleta de dados do vídeo de Sandro, que foi coletado por Leite (2008). Utilizamos o excerto de 28 segundos em que Sandro produziu vários processos inovadores quebrando o sinal convencional INSTRUTOR.

Como não temos muitas habilidades com os recursos tecnológicos, utilizamos as ferramentas que estavam no nosso alcance. Inicialmente, assistimos aos vídeos diversas vezes para rever quantas

⁶ Aula de mestrado 2013/1 e 2013/2.

⁷ Centro Municipal de Educação Alternativa (CEMEA) em Blumenau.

⁸ Associação de Surdos de Blumenau (ASBLU).

⁹ Estamos nos referindo ao professor doutor Tarcísio de Arantes Leite, nosso orientador, cuja tese de doutorado, intitulada *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*, foi apresentada em 2008, ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

vezes fossem necessárias as diferentes formas de sinalizar. Em seguida, registramos, no caderno, as inovações produzidas, o que serviu para organizar as quantidades de inovações, verificar detalhes dos movimentos, posição do corpo, do olhar, da mão e dos dedos. Posteriormente, na reprodução de fotos, passamos o vídeo em velocidade lenta e, no tempo exato da sinalização, pausamos o vídeo, “clicamos” na tecla *Prt Sc Sys Rq* que é uma ferramenta de cópia da página. Colamos, então, a imagem da página no *Paint*, ocasião em que selecionamos apenas a imagem do sinalizante e a recortamos. Na sequência, abrimos uma nova aba do *Paint* e colamos apenas a imagem selecionada a qual salvamos como imagem JPEG. Esse processo pode ser visualizado na sequência de figuras que apresentamos a seguir (Figuras de 53 a 61).

1ª etapa: Abrir o vídeo e “clique” em diminuir a velocidade.

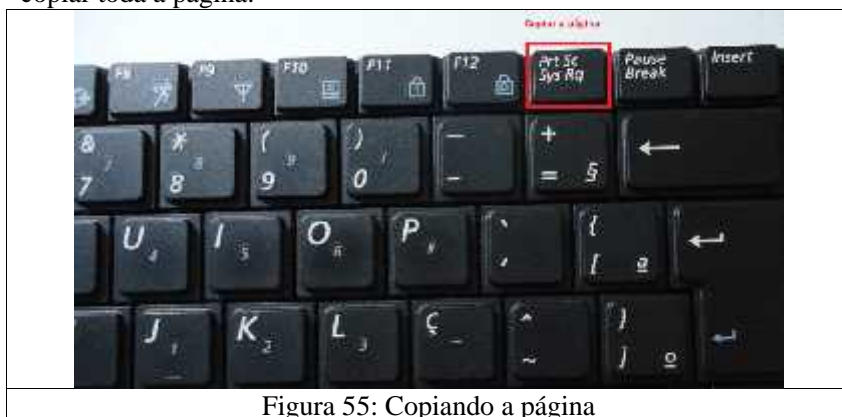


Figura 53: Reduzindo a velocidade do vídeo

2ª Etapa: Com o vídeo em movimento lento, visualizamos com calma e pausamos na sinalização desejada.



3ª etapa: Com o vídeo pausado, clicamos no *Prt Sc Sys Rq* para copiar toda a página.



4ª etapa: Abrimos o *Paint* para colar a página que copiamos.

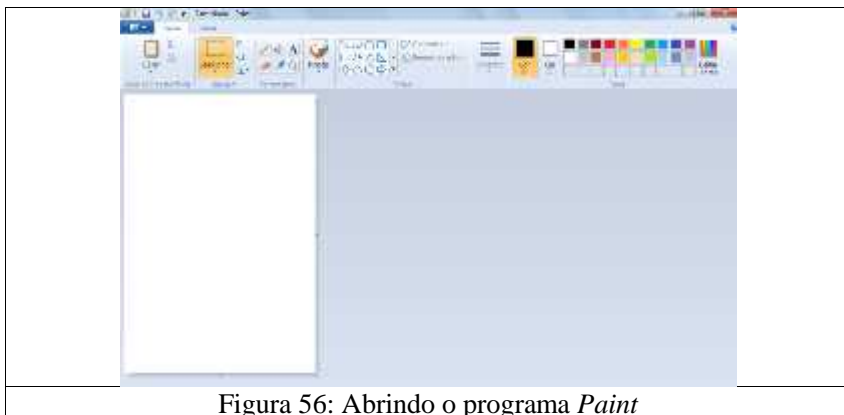


Figura 56: Abrindo o programa *Paint*

5ª etapa: Colamos a página do vídeo com as teclas Ctrl e V.



Figura 57: Colando a página

6ª etapa: Ao colar a página no *Paint*, selecionamos apenas a imagem que queríamos utilizar.



Figura 58: Seleccionando a imagem desejada

7ª etapa: Copiamos a imagem seleccionada com Ctrl e C.



Figura 59: Copiando a imagem

8ª etapa: Colamos a imagem seleccionada na nova aba de *Paint* usando Ctrl e V.



Figura 60: Colando a imagem no *Paint*

9ª etapa: Salvamos a figura como imagem JPEG.

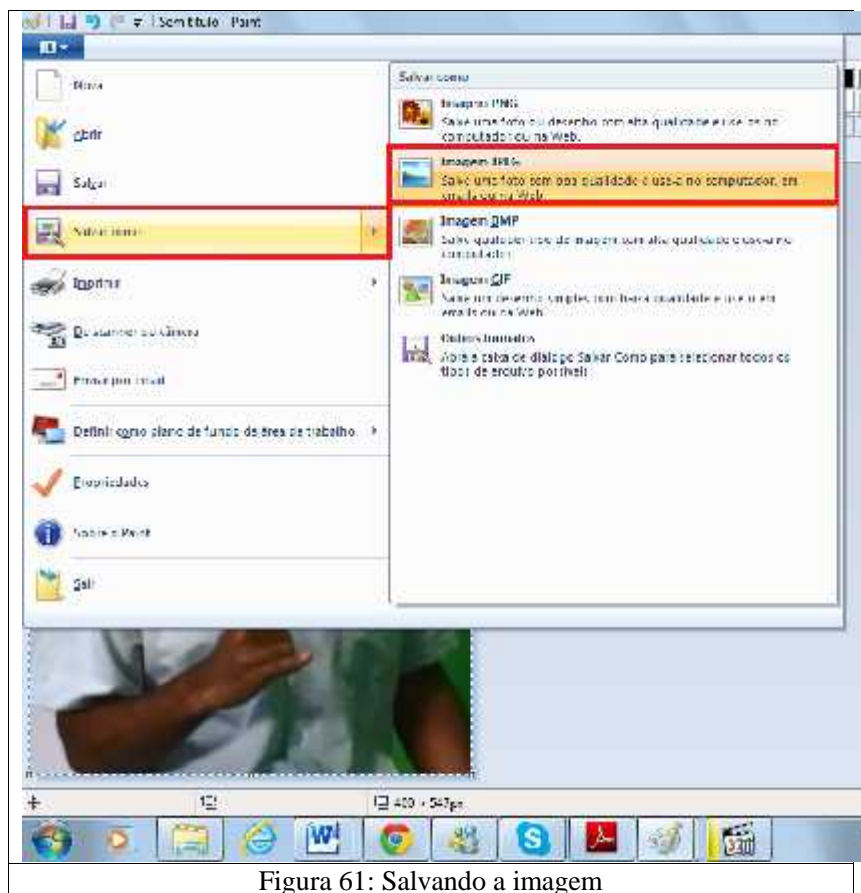


Figura 61: Salvando a imagem

Quanto aos vídeos disponíveis no *youtube*, selecionamos os vídeos que apresentavam inovações, identificamos e registramos esses sinais. Como nossa intenção era registrar sinais inovadores produzidos por surdos, escolhemos o canal de vídeos de Rimar Romano, que é surdo e tem muitos vídeos disponíveis no *youtube*. Alguns vídeos são histórias, e outros são de uma discussão sobre bilinguismo, AEE e Libras. Optamos por selecionar os vídeos de debates por serem mais espontâneos. Um vídeo é de Alan, que conta a história “Patinho surdo”. Nesse vídeo, Alan apresenta uma inovação. Esse vídeo foi escolhido por entrar na categoria de nossa pesquisa. A escolha foi aleatória, sendo que nosso orientador teve acesso a esse vídeo e o indicou. Não conseguimos,

porém, utilizar a imagem de Alan porque ficou desfocada, dada a baixa qualidade do vídeo. Por essa razão, nós mesmas sinalizamos a expressão inovadora e fomos fotografadas. Detalhamos a forma de registro de fotos na próxima etapa em que descrevemos as inovações cotidianas.

Os vídeos selecionados para a pesquisa foram salvos para que pudéssemos rever quantas vezes fossem necessárias. Para salvar os vídeos, utilizamos o programa Baixar Tube. Disponibilizado na *internet*¹⁰, esse programa possibilita baixar vídeos do *youtube* diretamente para o *notebook*, sem a necessidade de baixar um programa para converter os vídeos.

Os vídeos selecionados para a pesquisa foram salvos para que pudéssemos rever quantas vezes necessárias.

Coletamos 8 vídeos, dos quais utilizamos apenas 4 para a pesquisa. Eliminamos os demais vídeos depois de os analisarmos, juntamente com o nosso orientador, pois concluímos que não eram inovações, visto que essas inovações já estavam sendo utilizadas com frequência pela comunidade surda.

Apresentamos, no Quadro 1, o cronograma de vídeos, título, tempo de duração do vídeo, tempo exato da inovação, quantidade de inovação contida no vídeo e *link* de acesso.

Título	Duração	Tempo	Inovação	Link de acesso
Rimar – devolução para alguns	5h40min	55s	1	http://www.youtube.com/watch?v=BmT5KAh-aR8
Para João filho - 2 – AEE	5h9min	4h10min	1	http://www.youtube.com/watch?v=i2PILwr3I2g
Rimar - devolução para alguns	5h39min	2h45min 2h58min	2	http://www.youtube.com/watch?v=BmT5KAh-aR8&feature=c4-

¹⁰ Link para acesso: <http://www.baixartube.com.br/>

				overview&list=UUcSrK2pK7X7DURi_oavadrA
Para Nelson e para todos	6h27min	5h33min	1	http://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ&list=UUcSrK2pK7X7DURi_oavadrA
Patinho surdo	13h36min	10h56min	1	http://www.youtube.com/watch?v=hkbG_IYA-24

Quadro 1 - Cronograma de vídeos coletados

As imagens de Rimar foram capturadas no próprio vídeo e transferidas para o programa *Paint* e salvas como imagem JPGE (mesmas etapas do vídeo do Sandro).

Nas produções sinalizadas em contexto cotidiano, registramos 30 inovações. Ressaltamos que não foi fácil registrá-las como gostaríamos. As produções foram sinalizadas espontaneamente no cotidiano e nem sempre disponibilizávamos de filmadora para filmar no exato momento em que ocorreram os sinais. Por essa razão, optamos por registrar manualmente os detalhes da sinalização, como: o contexto da conversa, quem produziu, qual a inovação e como foi sinalizado. Posteriormente, pedimos ao responsável pela inovação que produzisse a sinalização novamente para a termos registrada em vídeo.

Para clarificar essa coleta, apresentamos um exemplo de registro. Estávamos na aula de literatura surda, num grupo de surdos, conversando. Espirramos e nosso colega Isaack nos desejou saúde sinalizando de forma inovadora (fez o sinal SAUDE no nariz ao invés de sinalizar no peito como o sinal convencional). Dissemos pra ele que nunca havia visto sinal de SAUDE no nariz e que isso era inovador pra nós. Perguntamos se poderíamos incluir esse dado em nossa pesquisa, e ele autorizou. Pegamos, então, o caderno de registro e registramos: “Contexto: na aula de literatura estávamos conversando, eu espirrei; nesse momento, Isaack sinalizou SAUDE no nariz pra mim por ter

espirrado. Quebra de sinal convencional: ponto de articulação, do peito pra o nariz. Em seguida, pedi para ele repetir a sinalização para que eu pudesse filmar e ter mais segurança de sinalização. Afinal de contas, a língua de sinais é visual e, se registrá-la somente em português, podemos perder informações importantes, como expressão corporal e facial ou o movimento do olhar”.

Após realizar todos os registros, marcamos um dia para realizar as sessões de fotos para a dissertação. As sessões foram produzidas no estúdio de filmagem do curso de jornalismo da FURB, pois, como trabalhamos no local, ficou mais prático e tínhamos liberdade para voltar a usar o espaço quando quiséssemos. Solicitamos o fundo branco para dar contraste à blusa preta, com a intenção de deixar as fotos o mais claro possível.

Nossa amiga intérprete da FURB nos auxiliou na realização das fotos. Tentamos fazer todas num único dia. Porém, ao organizar as fotos, percebemos que algumas precisavam ser refeitas, pois alguns sinais foram sinalizados com olhar para frente, quando o correto seria olhar para o sinal. No caso, a expressão facial precisava ser mais intensa ou menos intensa. Ao rever as fotos, percebemos esses detalhes. Assim, as fotos deveriam ser refeitas para ter uma reprodução bem idêntica à inovação. Foram incluídas algumas inovações na pesquisa após a primeira sessão de fotos e tivemos que voltar para o estúdio novamente.

Três fotos ficaram amareladas (Figura 62) devido à posição do braço sobre o rosto. Tentamos fotografar mais duas vezes, e as fotos continuaram amarelas. Como essa cor não impede de ter boa visualização do sinal, mantivemos a imagem sem alterar a cor em algum programa.



Figura 62: Fotos amareladas

Após ter todos os registros por imagens, iniciamos o processo de inserir “flechas” nas fotos para mostrar como são realizados os movimentos dos sinais. Nossa primeira tentativa foi adicionar as flechas pelo programa Word. Mas tivemos complicação, pois, conforme movíamos as imagens, as setas se deslocavam das imagens, ou seja, não acompanhavam as imagens. Solicitamos ajuda a um amigo para criar as flechas pelo Corel Draw. Esse programa tem mais opções de flechas e possibilidades de movê-las como desejamos. Após vários testes, optamos pela cor amarela para contrastar com o fundo branco e a blusa escura.

Ao organizar as fotos na dissertação, percebemos um problema em relação às fotos: as imagens ficaram muito “pesadas” e acabaram travando o programa constantemente. Diante dessa situação, compactamos as imagens de MB para KB e isso diminuiu a qualidade. Procuramos padronizar os tamanhos das imagens para 4 cm de altura¹¹ com o objetivo de facilitar a leitura do texto e imagens.

Uma vez coletadas todas as imagens, passamos para a análise, realizada em duas etapas. A primeira consistiu na descrição dos dados. Primeiramente, expomos o sinal convencional e a inovação, ilustrando com fotos. Em seguida, descrevemos o contexto de que surgiu o sinal. Nesse contexto, é possível identificar a pessoa que criou o sinal. Com a autorização de cada participante, apresentamos seu nome real. Apenas 2 participantes pediram sigilo e, por isso, foram identificados como: sinalizante ou sinalizador. Após a identificação do sinal, da pessoa e do contexto, abordamos a possível motivação icônica do sinal convencional. Mostramos a inovação e o processo inovador utilizado pelo participante e, finalmente, apresentamos a metáfora da expressão inovadora.

Na segunda etapa da análise, classificamos os processos produtivos em 8 categorias e as clarificamos.

¹¹ Exceto as imagens que descrevem as etapas da captação das imagens na metodologia, pois ficariam muito pequenas para perceber cada detalhe utilizado.

5 DESCRIÇÃO DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados, constituídos por 36 casos, e os analisamos.

Caso 1

A primeira análise aqui apresentada envolve um excerto de 28 segundos de uma conversa entre surdos, na qual diversos processos inovadores são associados de forma simultânea e sequencial à produção de um único sinal convencional: INSTRUTOR.¹²

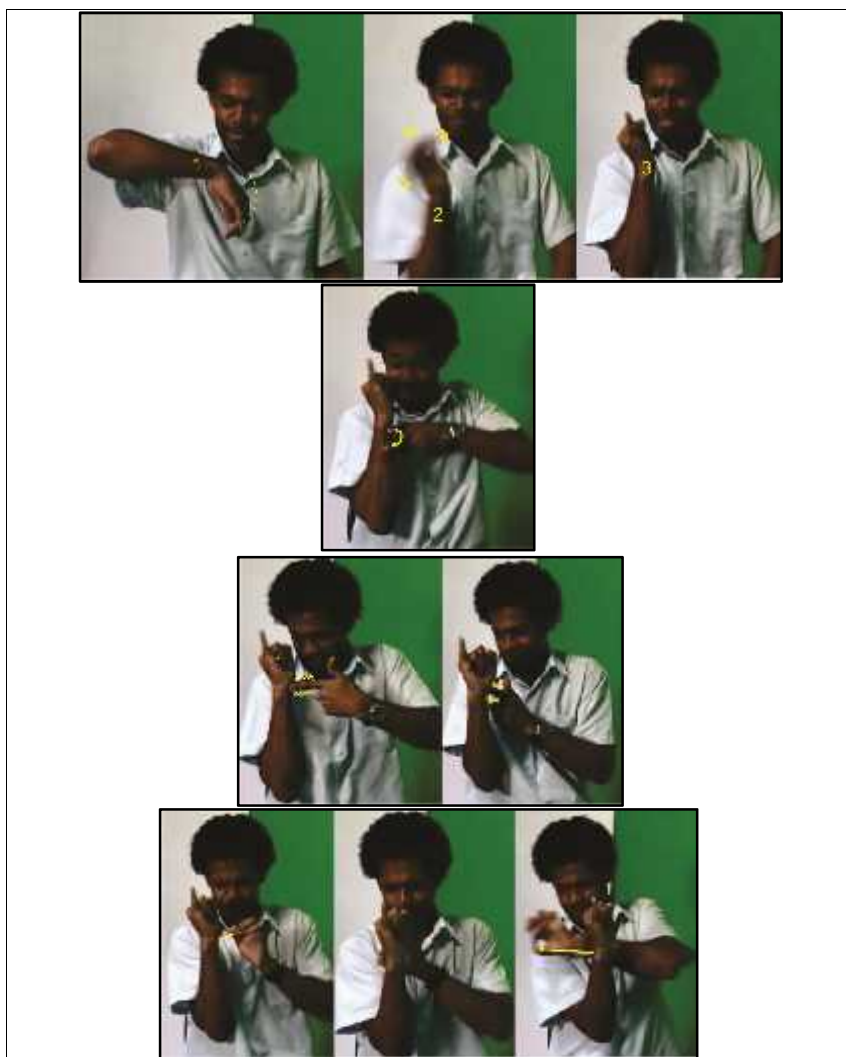
O contexto de sinalização é o seguinte: Sandro e seu amigo estão discutindo sobre uma oportunidade de emprego numa empresa, no período da tarde. Sandro está tentando convencer seu amigo de que essa é uma boa oportunidade de emprego, mas o seu amigo se recusa a aceitar, afirmando que deseja trabalhar apenas como instrutor de libras. Sandro tenta várias vezes argumentar sobre os benefícios desse emprego, sem sucesso. Então, num dado momento, Sandro sinaliza algo que poderia ser traduzido como: “Hei, olha só, no passado eu...” e então produz a sinalização que será analisada a seguir.

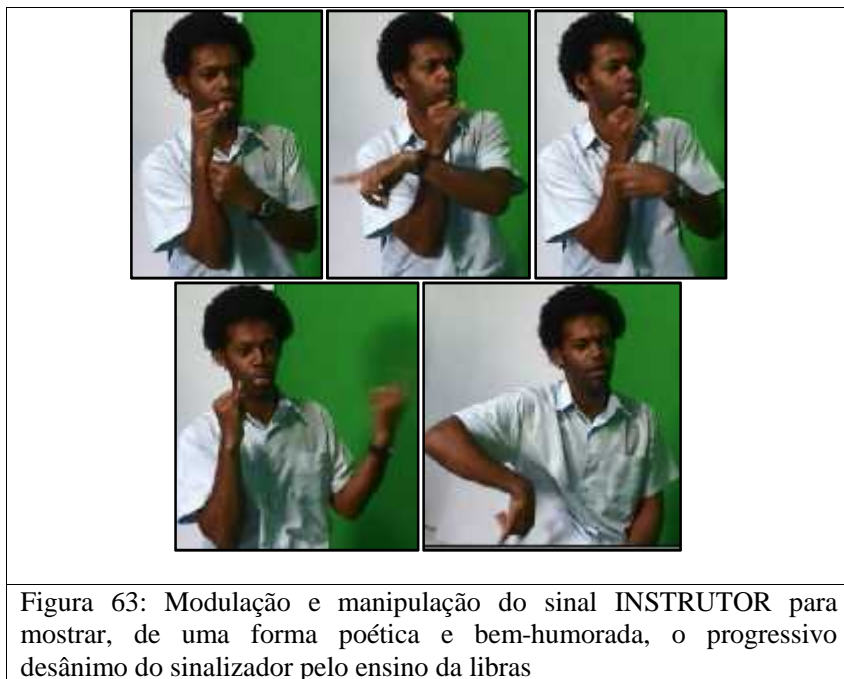
A Figura 63 apresenta a sequência completa de sinalização, dando destaque a algumas imagens centrais necessárias à análise que apresentamos sobre os processos inovadores envolvidos neste caso.

¹² Esse dado foi retirado do corpus conversacional coletado por Leite (2008) para a sua pesquisa de doutorado, e envolve uma conversa semiespontânea, isto é, uma conversa sem tópico ou estrutura predeterminada, porém arranjada para ser realizada num estúdio de filmagem – entre dois amigos surdos adultos, proficientes em libras.

Processos inovadores de sinalização com o sinal INSTRUTOR





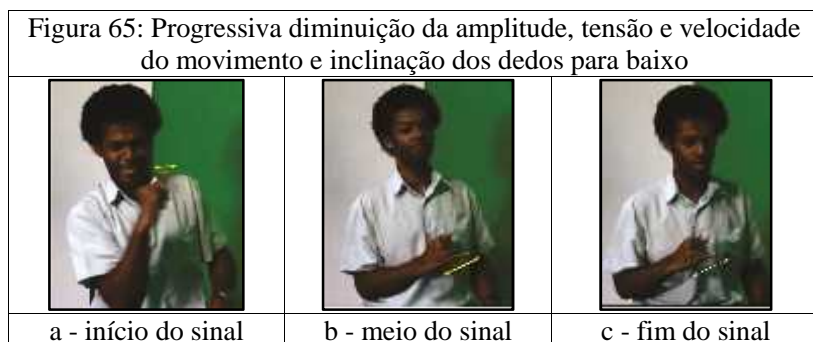


O trecho em questão apresenta uma série de processos inovadores realizados por Sandro, o sinalizador, enquanto narrava sobre o desgaste de sua profissão como instrutor. Na Figura 64, a seguir, apresentamos o sinal convencional INSTRUTOR.



A motivação icônica do sinal pode ser identificada primeiramente pela configuração de mão em i – do alfabeto manual, correspondendo à letra inicial da palavra escrita do português, “instrutor” (item “a” da Figura 64) –, pelo movimento e pelo ponto de articulação idêntico ao do sinal PROFESSOR (item “b” da Figura 64).

No processo inovador retratado na Figura 65, o sinalizante alterou uma série de parâmetros do sinal. Todos se mostram processos significativos para a compreensão do que se está querendo dizer. Os processos inicialmente envolvem velocidade, amplitude e tensão do movimento e também a direção dos dedos. Na transição entre a Figura 65 (a, b, c), observamos que o movimento do sinal se inicia amplo, tenso e rápido e, depois, gradualmente vai diminuindo de amplitude, tensão e velocidade, diminuindo, ziguezagueando no espaço.¹³ Ao mesmo tempo, a posição da mão também vai se modificando no momento em que os dedos se inclinam para baixo.



Onde está a inovação? O processo inovador está no fato de que a qualidade do movimento do sinal INSTRUTOR, por meio dos parâmetros velocidade, tensão e amplitude, e também da direção dos dedos, convencionalmente não são usados para exprimir sentidos associados à semântica de INSTRUTOR. Porém, no caso aqui estudado, o sinalizador explora todos esses parâmetros de forma significativa. Na dimensão concreta, os parâmetros amplitude, velocidade e tensão representam o nível de atividade do próprio sinal INSTRUTOR e, por

¹³ A tensão do sinal também pode ser percebida pela posição dos ombros, mais tensos e elevados no início e mais soltos e rebaixados ao final.

isso, quando a amplitude, a velocidade e a tensão estão elevadas, o sinal está totalmente ativo. Quando esses parâmetros são diminuídos, o sinal está ficando progressivamente inativo. Metaforicamente, a modulação desses parâmetros representa a transição entre um momento em que a atividade de “ser instrutor” era intensa e um segundo momento em que essa atividade diminui de intensidade.

Dois outros aspectos da sinalização – expressão facial e deslocamento do tronco – se mostram relevantes nesse mesmo trecho inovador, conforme podemos observar na Figura 66 (a, b, c).

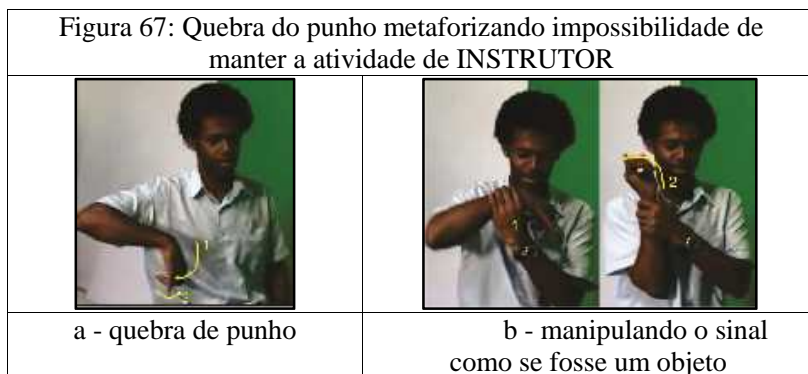
Figura 66: Progressivo deslocamento do tronco do sinalizador, de trás para frente		
		
a - início do sinal, tronco para trás	b - meio do sinal, tronco ao meio	c - fim do sinal, tronco à frente

Conforme mostra a Figura 66, em seus itens a, b, c, a expressão facial acompanha os demais parâmetros e mostra a contrapartida emocional, a atitude do sinalizador diante do que está sendo dito. No item “a” da Figura 66, a expressão parece indicar “esforço”; a expressão apresentada no item “b” da Figura 66 parece indicar “equilíbrio”, e, no item “c” da Figura 66, com a diminuição da amplitude, velocidade e tensão das mãos, a expressão gradualmente muda para “tédio”.¹⁴ Além disso, observamos o deslocamento do tronco do sinalizador: primeiro, para trás e, então, gradualmente, junto com a diminuição dos parâmetros, para frente. Metaforicamente, na Libras, o contraste espacial

¹⁴ Essa interpretação da expressão facial é intuitiva, porém, uma vez compreendida a função central da expressão facial não apenas nas línguas de sinais, mas em todas as línguas humanas, deve-se buscar uma interpretação dessas expressões que seja fundamentada cientificamente.

trás-frente representa, entre outras coisas, o contraste temporal entre eventos do passado e eventos do futuro (Ferreira-Brito, 1995).

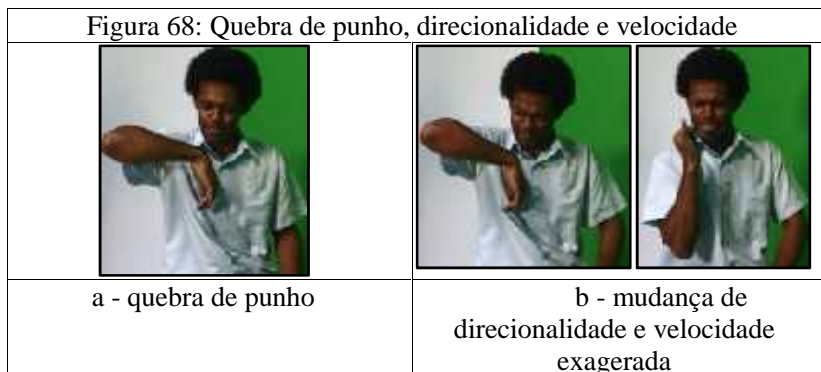
Por fim, concluindo uma primeira etapa dessa inovação do sinal INSTRUTOR, a Figura 67 apresenta uma ruptura ainda mais forte dos parâmetros convencionais do sinal INSTRUTOR, com a completa quebra do punho, mimetizando o sinal INSTRUTOR como um objeto quebrado e dependurado no braço, oscilando de um lado para o outro. Concretamente, é como se o punho do sinalizador tivesse sido quebrado e não tivesse mais força para sustentar o sinal INSTRUTOR; metaforicamente, é como se a atividade de ser instrutor não pudesse mais ser mantida.



No item “b” da Figura 67, então, o sinalizador radicaliza esse tratamento icônico do sinal como algo que está quebrado e passa a manipular e intervir no sinal com a sua outra mão, explicitamente abordando o sinal, em sua faceta material/corporal, como se fosse um objeto externo a ele próprio. A manipulação, como mostra o item “b”, envolve “ajudar” o sinal a se reerguer, para que possa funcionar novamente. De fato, o “procedimento” parece ter êxito, e Sandro reproduz novamente o sinal, de forma resumida, até que ele, pela segunda vez, se quebra.

A radicalização desse processo de objetivização do sinal (McCleary e Viotti, 2011) é então explorada pelo sinalizador ao máximo ao término da quebra da segunda ocorrência do sinal. Aqui, Sandro novamente usa a mão direita para manipular o sinal INSTRUTOR,




produzido com a mão esquerda, acrescentando novas ações metafóricas de “ajuda” para que o “sinal” se recupere, tal como os exemplos da Figura 69, itens “a”, “b”, “c”, “d”, “e”, também no item “f” que apresentamos posteriormente à Figura 68, a seguir.



A Figura 68, em seu item “a”, apresenta a queda do sinal INSTRUTOR pela segunda vez e, em seguida, conforme mostra o item “b” dessa figura, o sinalizante ergue bruscamente o sinal Instrutor. O processo inovador está na direcionalidade com movimento rápido para cima, em que o sinalizante exprime a ansiedade de reerguer o sinal INSTRUTOR. A expressão facial/corporal evidencia a impaciência com essa quebra do sinal e o esforço para recuperar o sinal é cada vez maior.

Sucessivamente, o sinalizante produziu várias ações metafóricas com o objetivo de ajudar melhorar a profissão de INSTRUTOR (Figura 69 a, b, c, d, e, f).



com chave inglesa	com chave de fenda	elétrica		
				
d - manipulação com certificação tátil	e - manipulação com linha (apertando)			
				
f - manipulação com linha (arrebentando)				

No processo inovador retratado na Figura 69 (a, b, c, d, e, f), o sinalizante produziu diferentes formas de manipular o sinal INSTRUTOR, primeiramente com chave inglesa; em seguida, com chave de fenda, com furadeira elétrica; no quarto momento, certifica manualmente se está firme o sinal; posteriormente, aperta com uma linha; no final, a linha arrebenta, e o sinal INSTRUTOR cai pela terceira vez (quebra de punho).

Todas as produções expostas na Figura 69 mostram metaforicamente a tentativa de ajudar a reerguer a profissão de INSTRUTOR. Por fim, ao sinalizar a linha arrebentando, nos dá a ideia de que, independente das iniciativas, estratégias, a profissão decaiu novamente.

Em todo o momento, são perceptíveis as inovações nesse contexto do sinalizante, pois a forma como manipula os sinais como se fossem objetos não é algo convencional.

Caso 2

A segunda análise envolve uma conversa entre Bruno e mim. Bruno expôs sua opinião sobre a necessidade de as pessoas participarem e incentivarem as associações para que permaneçam firmes, fazendo uso do sinal ASSOCIAÇÃO.

A motivação icônica do sinal de ASSOCIAÇÃO é a letra A, letra inicial da palavra, conforme Figura 70.



No contexto exposto, conforme a Figura 71, a seguir, o sinalizador fez o sinal de ASSOCIAÇÃO com a mão direita e, com a mão esquerda, sinalizou em direção à direita o sinal de estimular;

depois, sinalizou o sinal SE + ignorar em direção à mão direita, realizando o sinal ASSOCIAÇÃO para baixo com a mão direita ainda, como quem mostrasse que ela não estaria mais firme, conforme ilustração.



Nesse caso (Figura 71), o processo inovador se apresenta em alguns momentos. Inicialmente, o sinalizador usa o sinal ASSOCIAÇÃO como um objeto, perceptível pelo seu olhar, algo que pode ser incentivado ou ignorado, e, num outro processo, o sinal de ASSOCIAÇÃO, ao ser ignorado, “cai” com a quebra de punho sendo feito para baixo, evidenciando desmotivação.

Tal metáfora pode ser relacionada com uma flor que precisa de estímulo e cuidados, pois, caso contrário, ela murcha e morre. A associação simbolizada pela flor também precisa de estímulos e incentivos para não extinguir, dependência do outro.

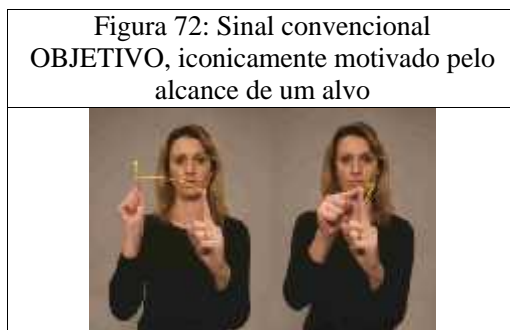
Caso 3

A terceira análise envolve um vídeo retirado do sítio *youtube*, intitulado “Rimar – DEVOLUÇÃO para alguns”, que contém o discurso de 5 minutos e 39 segundos de duração. Rimar produziu dois processos

inovadores do sinal convencional OBJETIVO. O processo inovador 1 foi identificado no tempo de 2 minutos e 45 segundos e o processo inovador 2, no tempo de 2 minutos e 58 segundos.

O contexto da sinalização ocorreu da seguinte forma: Rimar discute sobre a obrigatoriedade da língua portuguesa na educação de surdo, enfatiza que os ouvintes têm cultura ouvinte e sua língua é a língua portuguesa e que o surdo tem a cultura surda e sua língua é língua de sinais. Dessa forma, o ouvinte alcança o objetivo de maneira diferenciada do surdo.

A Figura 72 apresenta o sinal convencional OBJETIVO. A motivação icônica do sinal pode ser identificada primeiramente pelo dedo indicador posicionado no espaço neutro como um alvo; em seguida, o dedo indicador da mão oposta é direcionado a esse alvo como se quisesse atingi-lo.



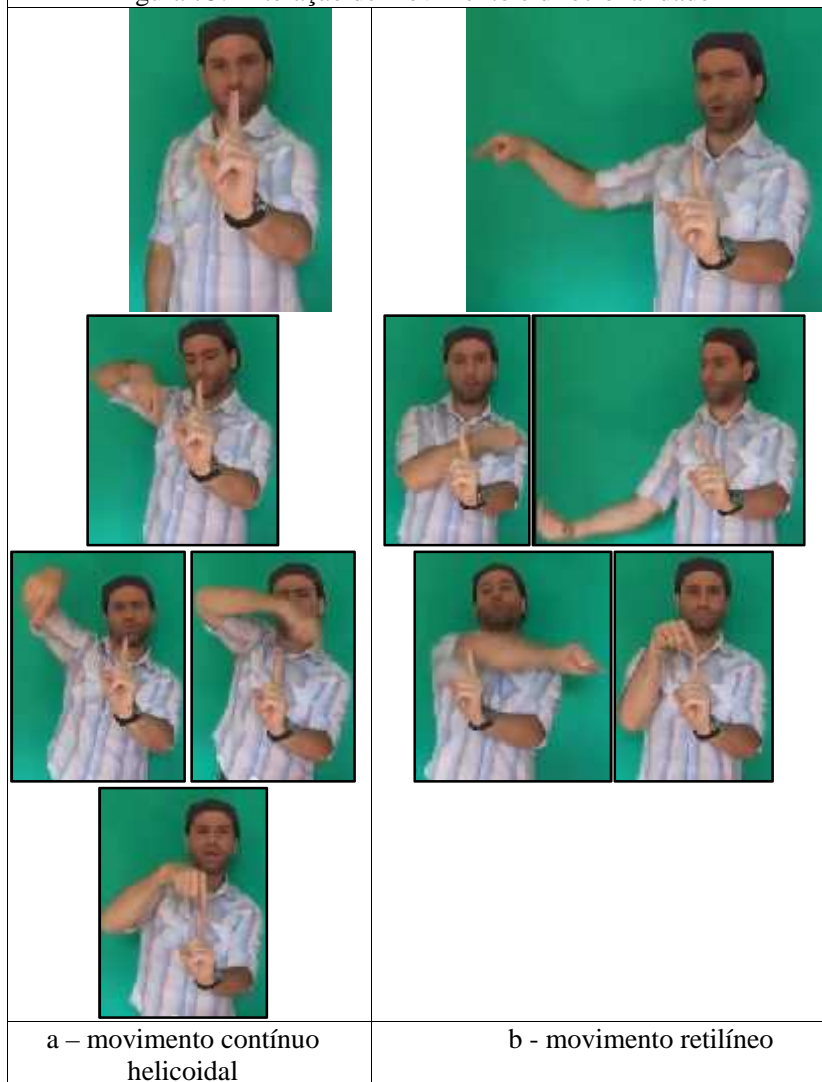
No processo inovador representado pela Figura 72, o sinalizante alterou o movimento do sinal que mostra processos significativos do que está sendo dito. Os processos envolvem movimento e direcionalidade.

O sinalizante utilizou a primeira inovação para definir como o ouvinte atinge o seu objetivo na língua portuguesa. Para esse sinal, ele utilizou vários movimentos contínuos, circular e helicoidal, conforme o item “a” da Figura 73, a seguir.

Para descrever como o surdo atinge esse mesmo objetivo, ele produz movimentos de retilíneo para todos os lados (item “b” da Figura

73). Encontra-se explícito nessas inovações que as estratégias, para chegarem ao mesmo objetivo, são diferentes entre o ouvinte e o surdo.

Figura 73: Alteração de movimento e direcionalidade



O processo inovador está no fato de que a qualidade do movimento do sinal OBJETIVO, por meio da direcionalidades, da velocidade e dos tipos de movimentos (helicoidal, circular e retilíneo) convencionalmente não são usados para expressar sentidos associados à semântica OBJETIVO. Nesse caso, o sinalizante explora esses parâmetros de forma significativa. Na dimensão concreta, os movimentos circular, helicoidal e retilíneo representam a forma como é alcançado o objetivo. Metaforicamente, os movimentos circular e helicoidal representam a constância para atingir o objetivo, e os movimentos retilíneos em diversas direções representam uma forma de atingir o objetivo de maneira prolixa.

Caso 4

Esse caso retiramos do vídeo caseiro divulgado por Rimar no *youtube*. A ideia trazida por Rimar, nesse vídeo, é a de que é importante que o professor que trabalha no Atendimento Educacional Especializado (AEE) necessita, imprescindivelmente, ser bilíngue. O não domínio da língua, a falta de fluência ao sinalizar e a certificação indevida geram toda uma problemática envolvendo surdos e ouvintes, nesse caso, os professores do AEE.

O trecho em questão nos mostra o processo inovador trazido por Rimar quando fala da não fluência. O sinal convencional de SINALIZAR encontra-se na Figura 74. A motivação icônica do sinal SINALIZAR convencional nos remete à ideia de conversar em LS. A diferença de SINALIZAR e LINGUA DE SINAIS se mostra no movimento, conforme os itens “a” e “b” da Figura 74.

Figura 74: Diferença de movimento



No processo inovador apresentado na Figura 75, a seguir, Rimar alterou e adicionou alguns parâmetros do sinal SINALIZAR. Os processos inicialmente envolvem velocidade, tensão facial e dos dedos (consequentemente alteram a configuração de mão).

Figura 75: Mudança de velocidade, tensão facial e dedos



Conforme expõe a Figura 75, encontramos a inovação, então, na velocidade: movimento travado do sinal; na tensão: dedos “atrofiados”, “com defeito”, dando a ideia de não estar completo para sinalizar, associando a expressão facial da dificuldade, da fragilidade desse domínio.

A metáfora pode ser observada pelo contexto do sinalizante, quando faz expressão da dificuldade, quando expõe o sinal com a configuração das mãos tensionando os dedos, significando a dificuldade de sinalizar do sujeito, aqui do professor do AEE não ser fluente nem bilíngue, sem domínio.

Caso 5

Outro processo inovador foi identificado em conversa com Simone no intervalo da aula de mestrado. Nesse contexto, relatou que havia brigado com o filho e, pouco depois, ela sinalizou EU TE AMO para ele. O filho, ainda bravo, balançou a cabeça negativamente e sinalizou que não a amava, produzindo uma expressão inovadora.

O sinal convencional para EU TE AMO é realizado conforme Figura 76 que tem como motivação icônica as letras iniciais do item lexical em inglês – I LOVE YOU.

Figura 76: Sinal convencional EU TE AMO



O processo inovador produzido pelo sinalizante se mostra quando ele altera a orientação de palma, sinalizando para baixo (Figura 77).

Figura 77: Alteração orientacional



No sinal exposto na Figura 77, observamos o uso do neologismo para indicar a negação. O sinal foi modificado no parâmetro orientação de palma, ou seja, foi alterado para baixo. Nesse sentido, o sinal indicado para baixo evidenciou a negação.

O processo utilizado é orientacional, defendido por Lakoff e Jhonson (2002), em que orienta um conceito relacionado ao corpo humano e à maneira como se apresenta no espaço físico (para cima – para baixo – para frente – para trás – etc.). Para a nossa cultura, tudo o que é bom é relacionado para cima ou para frente e tudo o que é ruim é relacionado para baixo ou para trás. Nesse sentido, ao direcionar o sinal para baixo, o sinalizador explicitou que não havia amor algum.

Metaforicamente, os sinais sinalizados para baixo significam algo negativo. O que o filho queria, nesse momento, era deixar claro para sua mãe que não a amava mais.

Caso 6

A análise aqui apresentada ocorreu numa conversa entre Bruno e mim. O contexto do processo inovador envolvendo o sinal convencional WIFI, na Figura 78, se dá quando Bruno explica o motivo da sua indignação em relação às falhas de transmissão da rede WIFI.

O sinal convencional WIFI é sinalizado no espaço neutro. A motivação icônica do sinal WIFI é desconhecida.

Figura 78: Sinal convencional WIFI



Ao modificar a orientação de palma para baixo, o sinalizador evidenciou o problema de captação de sinal da WIFI. No processo inovador, ele produziu uma orientação de palma não convencional, pois foi para baixo, mostrando a quebra de punho, a falha da conexão, que não havia possibilidades de se manter conectado, fazendo referência à queda do sinal de rede (Figura 79).

Figura 79: Quebra de punho



Na língua portuguesa, é comum utilizar a expressão metafórica “caiu a internet”. Podemos observar essa mesma relação no sinal “cair WIFI” em libras.

Caso 7

Essa inovação ocorreu na graduação de Letras/Libras. A aluna Ana Cláudia estava discutindo como os surdos têm dificuldade de acesso aos textos escritos e que acabam um contando para o outro, que conta para o outro, e, nesse processo, muitas vezes a informação é perdida. Ela produziu uma quebra do sinal convencional INFORMAÇÃO.

O sinal convencional INFORMAÇÃO é sinalizado com as duas mãos em Y nos olhos com movimentos curtos retilíneos e intercalados. A motivação icônica do sinal convencional pode ser identificada pelo fato de que os surdos recebem as informações pelos olhos, e a configuração de mão em Y é motivada por ser via de comunicação, assim como AVISAR e DIVULGAR. O sinal convencional INFORMAÇÃO pode ser observado na Figura 80.



Na produção inovadora, o sinalizante alterou o movimento de uma mão em direção para baixo como se tivesse caído. A expressão facial evidencia que a queda está relacionada a algo negativo. Vejamos a produção inovadora na Figura 81.

Figura 81: Processo orientacional



Metaforicamente, a queda representa que houve uma falha de informação.

Caso 8

Nesta análise, apresentamos dois processos produtivos associados ao sinal IDENTIDADE.

No contexto de bate-papo entre dois surdos, um deles justifica que as pessoas surdas não estão mais indo às associações de surdos. Ao ser questionado sobre a razão dessa observação, ele responde que as pessoas surdas aos poucos estão perdendo a sua identidade surda.

A motivação icônica do sinal convencional tem a ver, primeiramente, com a letra inicial da palavra em Língua Portuguesa; depois, com a relação do significado do sinal MARCA, que algo próprio (Figura 82).



No processo inovador, IDENTIDADE sofre algumas modificações. Inicialmente, o sinalizante altera um parâmetro que é a orientação da palma sinalizando para baixo e, em seguida, manipula o sinal como objeto, “clicando” como uma bola (Figura 83).

Figura 83: Processo orientacional e manipulação do sinal como objeto



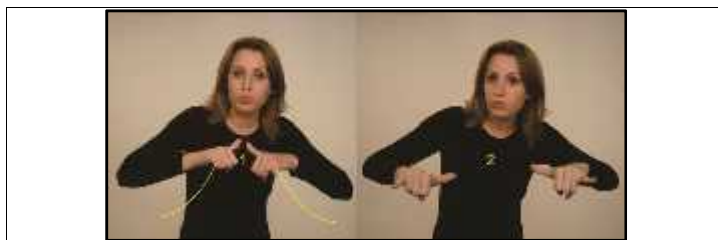
A metáfora presente no sinal se mostra quando a palma se volta para baixo, negando a identidade. Ao “clicar” como uma bola, apresenta a ideia da perda, do distanciamento do ponto de referência.

Caso 9

A nona análise aqui apresentada envolve uma conversa entre um grupo de profissionais surdos e um profissional ouvinte. Envolve processo produtivo inovador associado à produção do sinal convencional DIVULGAR.

A inovação ocorreu no momento de reunião, quando a professora Janaína estava conversando sobre uma pauta. O professor Patrício argumentou que não deveríamos DIVULGAR para outros professores o referido tema. Então a Janaína, nesse momento, sinalizou que não divulgaríamos, mas produziu de uma forma diferente. Primeiramente, identificamos a motivação icônica do sinal convencional DIVULGAR. Ele é motivado pela configuração de mão em Y que tem relação com a comunicação (assim como INFORMAÇÃO, AVISAR) e é sinalizado no espaço neutro com movimentos retilíneos para frente, como se quisesse espalhar. Vejamos o sinal convencional na Figura 84.

Figura 84: Sinal convencional DIVULGAR



No processo inovador (Figura 85), a sinalizante alterou o parâmetro da direção com o movimento de divulgar invertido, sentido contrário. No sinal convencional, o movimento é realizado para frente e, na inovação, foi realizado para trás.

Figura 85: Mudança orientacional



Metaforicamente, percebemos que o movimento invertido mudou o sentido do sinal para a negação; logo, para a não divulgação do referido tema, pois o movimento inverso sempre nos dá o significado de contrário.

Caso 10

A produção inovadora a seguir, criada pela professora Carolina, ocorreu da seguinte forma: ela estava na aula e pediu para os alunos darem um conceito relacionado a algum termo. Os alunos começaram a dar exemplos. Nesse momento, ela disse que não queria exemplos e queria o conceito na sua produção. Ela sinalizou o sinal de EXEMPLO e, em seguida, com a outra mão, empurrou o sinal EXEMPLO para o lado.

O sinal convencional EXEMPLO (Figura 86) é sinalizado no queixo com a mão em Y. A motivação icônica do sinal EXEMPLO é desconhecida.

Figura 86: Sinal convencional EXEMPLO



A inovação está na manipulação do sinal, ou seja, “tirando” o sinal do seu ponto de articulação e colocando-o para o lado como objeto externo, com a expressão facial tensa de negação (Figura 87).

Figura 87: Manipulação do sinal como objeto e expressão facial tensa



Metaforicamente, é uma produção motivada pelo gesto metafórico que demonstra rejeição. Quando queremos rejeitar alguma

coisa, normalmente realizamos um movimento com uma ou duas palmas da mão para o lado ou para frente. Por exemplo, rejeitar uma comida ou uma pessoa.

Caso 11

Essa análise envolve uma conversa nossa com o professor Patrício que nos relatou que estava abismado com a frequência de viagem de seu colega. Para isso, criou uma expressão inovadora retirando os olhos, limpando-os na blusa, conforme Figura 88.



Nesse contexto, o sinalizante representou seu espanto ao colega ao falar que não estava acreditando no que estava vendo, como se fosse necessário limpar seus olhos para poder enxergar melhor.

Nesse processo inovador, o sinalizador utilizou os olhos como objeto, manipulando-os, sendo que pôde retirá-los e limpá-los na blusa.

Essa expressão inovadora se deu em uma sentença, ao invés de em um único sinal. Essa sentença é icônica, pois explicitamente mostra a retirada dos olhos, as mãos fechadas como se estivessem segurando os olhos e eles sendo limpos no peito. Metaforicamente, com a vista limpa, conseguimos enxergar melhor.

Caso 12

Aqui apresentamos outro caso de um processo semelhante ao citado na análise anterior (caso 11). Ocorreu em nossa sala de aula. Eu e o Patrício estávamos conversando sobre a pesquisa de carros que ele estava realizando. Na verdade, Patrício estava ansioso para comprar um

carro zero. Ao narrar sua pesquisa de preços, ficou perplexo com os valores dos carros. Nesse momento, produziu uma sentença inovadora: sinalizou seus olhos saltando e saltitando, conforme Figura 89.



Observamos que essa expressão inovadora é uma metáfora também utilizada no mesmo contexto por ouvintes na língua portuguesa – “meus olhos saltaram” –, quando querem expressar perplexidade em relação ao que viram.

Nessa expressão inovadora, além de saltar o olho, Patrício sinalizou os olhos saltitando. Na língua de sinais, esse gesto é semelhante ao de uma bola “clicando” quando cai. Sendo assim, podemos relacionar a iconicidade desse movimento de olhos caindo e clicando a uma bola caindo.

A inovação está no fato de que a manipulação dos olhos para fazê-los saltarem e o movimento semelhante a uma bola “clicando” não são usados para um sinal comum. O processo de “clique”, como algo caindo e “clicando”, também foi utilizado para produzir a inovação do caso 8, sinal IDENTIDADE.

Metaforicamente, os olhos saltando expressam susto, surpresa, e os olhos saltitando mostram que caíram e não conseguimos mais ver e acreditar no que estamos vendo.

Caso 13

A análise aqui apresentada foi extraída de uma conversa informal com o nosso colega Bruno. Estávamos exaustos dos trabalhos e

atividades referentes ao mestrado, e Bruno disse que, quando acabasse tudo, ele mergulharia no mar para ficar limpo e se sentir leve.

Bruno inovou quando disse que, ao mergulhar, ficaria limpo. O processo inovador envolveu o sinal convencional MERGULHAR. O sinal convencional MERGULHAR (Figura 90) é motivado, primeiramente, pelos dedos indicador e médio, indicando as pernas da pessoa. O sinal é saltado mudando a orientação de palma para cima para indicar que a pessoa está de cabeça para baixo e mergulhando.

Figura 90: Sinal convencional
MERGULHAR



No processo inovador retratado na Figura 91, a seguir, o sinalizante manipulou o sinal de mergulho para mostrar que ficaria limpo. Abordando o sinal, em sua faceta material/corporal, a limpeza foi sinalizada no sinal mergulho com a mão direita. Ele aproveitou o sinal MERGULHAR que é sinalizado com dois dedos (indicador e médio) e representa a pessoa, segurando com a mão esquerda fechada, puxando para cima e, em seguida, “jogando a sujeira tirada” para baixo, abrindo a mão esquerda para o lado.

Figura 91: Manipulação do sinal MERGULHAR



Metaforicamente, o mergulho indica que a água purificará nosso corpo nos deixando mais relaxados.

Caso 14

A análise aqui apresentada foi observada no transcorrer de uma conversa entre dois surdos no espaço da UFSC. Um dos surdos tinha a intenção de explicar ao seu amigo que ele não precisaria se envergonhar em relação à determinada situação, sinalizando VERGONHA GUARDAR. Em outro momento, essa expressão foi vista sendo sinalizada por outro surdo, porém com a mesma finalidade, ou seja, não precisar se envergonhar em relação a algum fato.

A motivação icônica do sinal VERGONHA (Figura 92) pode ser relacionada ao fato de que é comum pessoas envergonhadas ruborizarem ao se depararem com esse sentimento de vergonha, como se fosse “subindo” pelo seu rosto uma “vermelhidão”.

Figura 92: Sinal convencional
VERGONHA



A expressão inovadora apresenta motivação icônica guardar, pois, “guardando” a vergonha, subentendemos que a pessoa passa a ser desinibida. Esse fenômeno também apresentou o uso do sinal como objeto, como foi possível observar no sinal VERGONHA, que foi realizado com a mão direita; com a mão esquerda foi produzido o sinal de guardar a vergonha, conforme Figura 93. Percebemos que essa expressão já está sendo difundida entre os usuários da língua.

Figura 93: Manipulação do sinal VERGONHA



Metaforicamente, ao tirarmos a vergonha de nós, conseguimos nos expor, como se a vergonha fosse algo concreto, passível de ser retirado.

Caso 15

A análise aqui apresentada foi retirada de um discurso realizado pela professora Rachel. Ela estava na sala de aula com os alunos. Havia muita conversa, e ela sinalizou para o grupo de alunos que estava conversando muito.

O sinal CONVERSAR é realizado na mão com movimento circular (Figura 94). Não conseguimos identificar a motivação icônica desse sinal.

Figura 94: Sinal convencional
CONVERSAR



Na inovação exposta na Figura 95, a professora Rachel sinalizou o sinal CONVERSAR com movimento acelerado e, em seguida, sinalizou o sinal FOGO no mesmo ponto de articulação em que é realizado o movimento circular do sinal CONVERSAR, como se o sinal CONVERSAR fosse um objeto que pode pegar fogo.

Figura 95: Velocidade e manipulação sinal
CONVERSAR



O processo inovador está no fato de que a velocidade do movimento e a manipulação do sinal CONVERSAR como se tivesse fogo na mão não são usadas para exprimir sentidos associados à semântica de CONVERSAR MUITO. A velocidade do movimento expressa a atividade ativa de conversar bastante, e o fogo expressa acalorar-se na discussão ou chegar ao auge da discussão.

Metaforicamente, a modulação desses parâmetros representa muita conversa que já chegou ao limite.

Caso 16

Victor estava falando sobre uma história que ouviu falar de um surdo que era caçador e que participou com ouvintes de um campeonato de caça, mas que, por ser surdo, tirou vantagem de sua maior atenção visual, tendo sido isso determinante para que o competidor surdo vencesse todos os ouvintes na competição de caça, embora, em princípio, todos considerassem que o surdo estaria em desvantagem por não ouvir. Victor sinalizou que ficou abismado e, na produção desse sinal, ele inovou. O sinal ABISMAR convencionalizado na comunidade surda de Blumenau é motivado pela expressão “ficar de boca aberta” conforme apresentamos na Figura 96.



Na inovação aqui citada, o sinalizante manipulou o sinal ABISMAR com manivela para fechar a boca (Figura 97). Nesse processo, o sinal foi abordado como um objeto que pode ser fechado.

Figura 97: Manipulação do sinal ABISMAR



Metaforicamente, a manivela pode tanto abrir como fechar alguma coisa. Nesse caso, como a boca abriu devido ao espanto, a intenção da manivela era fechar a boca que já não conseguia mais fechar sozinha em virtude do grande impacto.

Caso 17

Esse sinal aconteceu no seguinte contexto: eu e Patrício estávamos na sala de aula, organizando uma reunião com os pais. Estávamos com dificuldade de encontrar um espaço adequado para reunir todos os pais. Já alterado pelo estresse, Patrício produziu um sinal inovador, referindo-se à PACIENCIA (Figura 98).



Não foi identificada motivação icônica do sinal PACIENCIA.

O sinal convencional apresenta dois dedos em ambas as mãos, com movimento retilíneo para cima e para baixo.

No processo inovador, o sinal de PACIENCIA foi realizado com todos os dedos, denotando a necessidade do exagero do conceito.

Esse acréscimo de dedos transformou o parâmetro configuração de mão e deu maior intensidade ao significado. Além disso, a expressão corporal e facial tensa também expressiu a intensidade (Figura 99).

Figura 99: Acréscimo de dedos, tensão corporal e facial



Relacionado à metáfora, esse sinal inovador sugere que a paciência seja dobrada, muito mais que o comum.

Caso 18

O professor Germano estava falando sobre comunicação intercultural entre surdos e ouvintes e que algumas pessoas se afastam dessa relação porque tiveram problemas de comunicação grave devido à intolerância de ambas as partes e ficaram traumatizados. Germano inova no sinal TRAUMA.

A iconicidade do sinal está presente ao observarmos que o sinal de TRAUMA é sinalizado na cabeça, uma vez que todos os nossos processos cognitivo ocorrem na mente. Além disso, a posição dos dedos é em forma de x, sendo comum associar o X com anular e cancelar. O trauma é considerado certo bloqueio na mente. Podemos, então, imaginar um X na cabeça como algo negativo.

O sinal de TRAUMA é realizado com dois dedos em cada mão conforme a Figura 100.

Figura 100: Sinal convencional TRAUMA



O processo inovador é evidenciado nas mudanças que ocorrem na configuração das mãos, com acréscimos de dedos, intensidade na expressão corporal e facial, tensão nos ombros, não necessária no sinal convencional (Figura 101), dando ênfase a muito trauma.

Figura 101: Acréscimo de dedos, tensão facial e corporal



Nesse processo inovador, a metáfora se faz presente ao indicar a adição dos dedos representando a intensidade do conceito, do significado do sinal.

Caso 19

Outro processo inovador registrado ocorreu em aula, na disciplina Aquisição de Linguagem, quando a professora explicava que o doutorado exige uma pesquisa mais aprofundada, pois são 4 anos de estudos. Nesse instante, o aluno Bruno sinalizou que, para 4 anos, precisava ser realmente muito profunda a dedicação.

O sinal convencional PROFUNDO (Figura 102) é realizado apenas com um dedo na direção para baixo. A possível motivação icônica desse sinal pode estar relacionada ao movimento para baixo,

como o mergulho. Quanto mais mergulhamos, mais profundo iremos, como algo que nos exige mais empenho.



No processo inovador (Figura 103), o sinalizador altera o parâmetro configuração de mão, acrescentando mais três dedos à configuração de mão, com quatro dedos indicando o número de anos necessários à conclusão do doutorado, da dedicação “profunda” necessária.



Metaforicamente falando, a ideia já fica clara quando explicitamos o processo inovador, ou seja, a necessidade da dedicação intensa pelo período de 4 anos.

Caso 20

Este caso ocorreu numa conversa de um surdo com o professor Tarcísio. O professor Tarcísio perguntou ao surdo qual era a maior afinidade que ele tem. Nesse momento, o criador da inovação sinalizou

que tinha duas afinidades, mas mostrou de uma forma inovadora, ao invés de mostrar o sinal de DOIS e o sinal AFINIDADE.

O sinal convencional AFINIDADE tem a motivação icônica de sentir próximo, algo muito presente como o cheiro, algo íntimo (Figura 104).



A inovação está no acréscimo de um dedo. Nesta produção, tem um sentido específico, que tem duas afinidades. Isso é bem explícito, pois o sinal afinidade convencional é produzido por um dedo e uma inspirada; na inovação, há dois dedos, dois movimentos com duas inspirações (Figura 105).



Metaforicamente, o usuário quis dizer que tem duas situações de igual afinidade.

Caso 21

O contexto desse sinal ocorreu em sala de aula, juntamente com o professor Tarcísio, na UFSC. O professor questionou os alunos sobre suas discussões acerca do conteúdo, e eles responderam que estavam já de “cabeça quente”.

O sinal convencional QUENTE (Figura 106) é realizado na boca com a configuração de mão em C e com movimento lento e tenso. A motivação icônica do sinal QUENTE não é clara, por se tratar de algo sensorial, mas sempre produzido na região da boca. A configuração da mão em C também não pode ser caracterizada como uma motivação icônica, dificultando assim a explicação dessa motivação.

Figura 106: Sinal convencional QUENTE



O processo inovador acontece quando há quebra de um dos parâmetros, ponto de articulação. O sinal convencional de QUENTE é realizado na região da boca e, na inovação do sinal, o sinal com a mesma configuração de mãos e movimento é realizado na região da cabeça (Figura 107).

Figura 107: Mudança de ponto de articulação



O sinalizador indica, aqui, metaforicamente, que estava então de cabeça QUENTE de tanto pensar e discutir.

O sinal convencional é realizado próximo à boca, talvez por ser um lugar no qual temos sensibilidade tátil, pois bebemos e comemos algo quente. Nessa inovação, é sinalizado na cabeça para indicar o excesso de atividade relacionada ao cognitivo que, culturalmente, faz relação à cabeça, ao cérebro.

Caso 22

Esta análise aqui apresentada, envolve o processo de alteração de ponto de articulação associado à produção do sinal convencional SAUDE.

Essa produção ocorreu na UFSC, numa conversa entre amigos surdos. Um colega espirrou, e Beth queria desejar muita saúde.

O sinal convencional SAUDE (Figura 108) é realizado no peito. Sua motivação icônica pode ser relacionada ao exame médico em que o médico ouve o coração do paciente para verificar os sinais vitais.

Figura 108: Sinal convencional SAUDE



Na produção inovadora, Beth sinalizou com duas mãos no peito conforme Figura 109.

Figura 109: Acréscimo de mão



A inovação está no acréscimo da mão para dar intensidade ao sinal. Nesse caso, Beth queria explicitar muita SAUDE. Metaforicamente, a sinalizadora quis expressar o seu grande desejo de melhoras.

Caso 23

O sinal da Figura 110 é usado constantemente na comunidade surda de Blumenau e já não é mais inovador, pois acabou sendo convencionalizado. A motivação icônica desse sinal talvez seja por conta de que ZERO popularmente não tem valor, não significa, não soma. Logo, o ZERO na cabeça significa que nada sabe, fazendo até relação com a nota ZERO, de nada saber sobre algo. A cabeça é considerada o local em que pensamos, raciocinamos, entre outras ações cognitivas. Sinalizar ZERO na cabeça é metafórico, pois nossa experiência cultural permite associar que ZERO na cabeça é nada ter na cabeça.

Figura 110: Zero na cabeça



Os sinais mostrados nos itens “a” e “b” da Figura 111 foram criados por mim. No primeiro momento, estávamos em nossa sala, e um colega de trabalho perguntou se já havíamos lanchado. Respondemos

que não, mas espontaneamente inovamos na resposta, não somente negando com o dedo ou expressão, mas informando que nada havia em nosso estômago. Seguindo o mesmo processo do sinal nada saber, temos, na Figura 111, observando que o sinal é um ZERO na cabeça, que o zero também pode significar nada. Para nós, o alimento é digerido no estômago. Por isso, esse sinal é metaforicamente icônico quando realizarmos o sinal de ZERO no estômago para indicar que nada tem no estômago, compreendendo, assim, que não havíamos nos alimentado.



Posteriormente, nosso colega de trabalho perguntou sobre a escolaridade de minha irmã. Criamos o neologismo mostrado no item “b” da Figura 111 para indicar que ela não tem estudo algum. Como o sinal de série (estudo) é realizado ao lado do braço, perto do ombro, alterando o ponto de articulação do sinal convencional, sinalizamos o ZERO neste local, indicando, assim, nenhuma escolaridade.

Caso 24

Esse caso ocorreu na aula de literatura surda na UFSC. Isaack, ao perceber que havíamos espirrado, sinalizou SAUDE. Porém, não realizou de forma convencional.

Na inovação, o sinalizador inovou no parâmetro ponto de articulação: aproximou o sinal SAUDE do nariz, local da doença. Podemos perceber que é um processo semelhante ao caso que apresentamos na Figura 111, em que o sinal ZERO é sinalizado no estômago (local que relacionamos com sistema digestório) ou no ombro (local de séries de estudo). Apresentamos a inovação na Figura 112.

Figura 112: Alteração de ponto de articulação



A intenção de Isaack era desejar melhoras de saúde. Fez referência ao nariz, pois compreendemos que o espirro é relacionado à gripe, e a doença é visível no nariz. Metaforicamente, o sinal SAUDE no nariz deseja a melhora para a gripe, doença que estava visivelmente ocorrendo no momento.

Caso 25

Essa inovação foi apreendida numa conversa informal com a colega Geisielen durante o intervalo da aula de literatura surda na UFSC. Ela contou que encontrou uma amiga nossa e perguntou sobre a saúde do bebê (gestação).

O sinal SAUDE convencionalmente tem o ponto de articulação no peito, como já mencionado na descrição anterior. Porém, nesse contexto, ela o realizou diretamente na barriga (Figura 113), já que, na ocasião, queria saber da saúde do bebê.

Figura 113: Alteração do ponto de articulação



A inovação está presente na alteração do ponto de articulação do peito para a barriga. Esse processo, como explicitado no caso anterior, mostra que a mudança do ponto de articulação ocorre para se aproximar do referente.

Metaforicamente, a aproximação do sinal SAUDE no ponto de referência nos dá a compreensão de que é ao bebê que estamos nos referindo.

Caso 26

Este caso aconteceu em nosso local de trabalho, numa conversa informal com o amigo Patrício. Ele narrou sobre uma conversa que teve com um colega nosso, pois a pessoa à qual estamos nos referindo era muito teimosa. Então Patrício orientou o colega a abrir a mente.

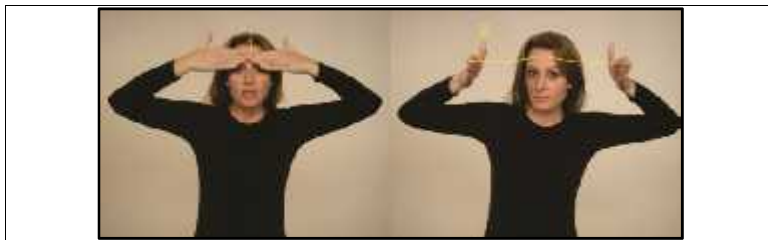
O sinal ABRIR, na língua de sinais, é motivado pelo objeto que estamos referindo. Cada objeto tem a sua maneira de ser aberto, e o sinal segue a iconicidade da ação abrir.

No caso ABRIR A MENTE, aqui mencionado, o verbo ABRIR foi o mesmo de “abrir a porta” (Figura 114). O sinal ABRIR A PORTA é realizado no espaço neutro. Na inovação, o sinalizante alterou o ponto de articulação do espaço neutro para a cabeça em frente à testa (local cognição) (Figura 115).

Figura 114: Sinal convencional ABRIR PORTA



Figura 115: Alteração de ponto de articulação



Como discutimos nos processos anteriores sobre a mudança de ponto de articulação, esse caso mais uma vez mostra que esse processo se aproxima do ponto de referência. Nesse caso, a mente é o referente. Além disso, a mente foi manipulada como um objeto que podemos abrir.

Abrir a mente é uma metáfora também utilizada no contexto da língua portuguesa. Metaforicamente, abrir a mente está relacionado a aceitar outras possibilidades.

Caso 27

Esta análise é semelhante ao caso anterior – ABRIR A MENTE –, mas em outro ponto de referência. Primeiramente, entendemos o contexto da conversa: nosso amigo Patrício estava discutindo com outro colega de trabalho que, para interagir com mais surdos, é necessário participar da comunidade surda. Sinalizou que ele precisava se abrir para conhecer novas pessoas.

O sinal ABRIR foi produzido no peito, próximo ao coração, e não no espaço neutro como o sinal convencional é sinalizado. O sinal ABRIR foi o mesmo do contexto anterior, de abrir uma porta (Figura 116).

Figura 116: Alteração do ponto de articulação



A inovação está no fato de que a mudança do ponto de articulação foi motivada pelo ponto de referência, e o coração foi considerado como um objeto que pode ser aberto.

O coração é considerado como fonte de emoção, motivação. Metaforicamente, abrir o coração significa ser mais receptivo, afetivo.

Caso 28

Aqui, apresentamos mais um caso de mudança de ponto de articulação. Essa inovação ocorreu em uma conversa informal com Patrício e seu amigo. Os dois tiveram a mesma ideia no mesmo momento e, para expressar a COINCIDENCIA, Patrício sinalizou de forma diferente.

Na inovação, o Patrício sinalizou o sinal de ANDROID¹⁵ na testa. O sinal convencional ANDROID é sinalizado no espaço neutro, conforme Figura 117.



O sinal convencional ANDROID é motivado pelas antenas no robô. O logotipo de androide pode ser visualizado na Figura 118.

¹⁵ O Android é um sistema operacional para aparelhos móveis, como celulares, que permite acessar *sites*, enviar *e-mails*, assistir a vídeos, jogar e ter recursos muito semelhantes a um computador.

Figura 118: Logotipo ANDROID



Fonte:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Android>

Nesta inovação, o sinalizador alterou o ponto de articulação do sinal **ANDROID** para a mente, local onde sinalizamos **COINCIDENCIA** e também referência ao local de cognição (Figura 119).

Figura 119: Alteração do ponto de articulação



Metaforicamente, a alteração do ponto de articulação do sinal **ANDROID** representa a captação do sinal na mente que, nesse caso, é a coincidência de ideia.

Caso 29

Esta análise envolve uma conversa entre Patrício e a intérprete Marisa. Patrício daria um curso de Libras, e Marisa estava feliz em interpretar o curso com ele. Ela disse que aprenderia muito com ele. Nisso, Patrício lhe propõe que aproveitasse o momento para absorver dele todo o conhecimento referente à língua de sinais. Inovou quebrando o sinal convencional **SUGAR**.

O sinal SUGAR é realizado no espaço neutro, com a mão aberta realizando movimento de sucção, fechando um pouco os dedos e puxando para cima, e a expressão facial com lábios suprimidos. O sinal SUGAR é motivado pelo gesto semelhante de absorver alguma coisa. A Figura 120 ilustra o sinal convencional SUGAR.



A inovação ocorre no momento em que o sinalizador muda o ponto de articulação do sinal SUGAR. Ele sinaliza na frente do seu próprio tronco para a direção da intérprete (Figura 121).



Metaforicamente, a sucção de si mesmo para a intérprete significa que ela estará sugando todo o conhecimento dele.

Caso 30

Nesta análise, o sinal foi observado no vídeo O Patinho Surdo “LIBRAS”, no qual Alan conta a história do patinho surdo. Observamos um processo inovador associado à produção do sinal convencional SEDE.

O contexto da conversa entre os dois patinhos é o seguinte: o patinho 1 combina um encontro para o dia seguinte com o patinho 2. Este, feliz, sinaliza que aceita, pois tem imenso desejo de conversar em língua de sinais (nesse momento produz o sinal inovador), pois sua família é ouvinte e ele não tem comunicação em casa.

O sinal SEDE é sinalizado na garganta, e a motivação icônica pode ser identificada pelo fato de que, quando sentimos sede, a garganta fica seca (Figura 122).

Figura 122: Sinal convencional SEDE



Ao sinalizar o desejo, a SEDE de conversar em língua de sinais, Alan primeiramente sinaliza sinal de SEDE convencional (na garganta) e, em seguida, com a mesma configuração de mão, realiza o sinal no pulso, para reforçar que a vontade de conversar é em língua de sinais (Figura 123).

Figura 123: Alteração de ponto de articulação



Percebemos a mudança no ponto de articulação do sinal da garganta para o pulso que foi necessário para enfatizar a SEDE de língua de sinais, de conversar movimentando as mãos, já que é a via da comunicação.

Metaforicamente, podemos associar à necessidade de beber água para saciar uma vontade. Nesse caso, a saciedade vem por meio da conversação que será em Libras. Essa SEDE mostra o desejo de conversar, de matar essa vontade.

Caso 31

A análise aqui apresentada ocorreu numa conversa informal entre grupo de surdos. Uma intérprete estava entusiasmada com a surda Liliane. Disse que a Liliane era um exemplo de superação, que a surdez não a afetava em nada e que ela conseguia ser independente, ler, escrever, trabalhar. Nesse momento, Liliane sinalizou que devia clonar.

O sinal CLONAR é realizado no espaço neutro, e a motivação icônica é identificada pelo fato de que as duas mãos tentam sinalizar o DNA (Figura 124).

Figura 124: Sinal convencional CLONAR



Na inovação, a sinalizante alterou o parâmetro ponto de articulação e, com uma mão, ao invés de duas, como no sinal CLONAR convencional (Figura 125).

Figura 125: Alteração de ponto de articulação



Nesta inovação, a produção foi realizada no tronco direito e a mão dominante sinalizou o CLONAR em direção à direita. O ponto de articulação foi alterado para referir o clone de si mesmo.

Metaforicamente, Liliane quis dizer que, para ter outra pessoa igual a ela, era necessário cloná-la.

Caso 32

A análise aqui apresentada ocorreu durante a aula de Aquisição de Linguagem. Perguntei à colega Simone o que a professora havia explicado na aula anterior, pois havíamos faltado. Simone produziu uma sentença diferente para indicar que estava tentando lembrar. Sinalizou a seguinte expressão: procurou o conteúdo (ao lado da cabeça), pegou o conteúdo, olhou o conteúdo e iniciou a explicação. Vejamos a sentença sinalizada retratada na Figura 126.

Figura 126: Produção inovadora



A primeira produção inovadora foi motivada pela ação de procurar um arquivo. O sinal pegar o arquivo foi utilizado com o gesto de pinçar e também foi motivado pela ação de pegar uma folha de papel. O sinal olhar o arquivo é icônico, motivado pela ação de segurar uma folha de papel com as duas mãos.

A sinalizante criou essas produções criativas para expressar a ideia de resgatar a lembrança sobre a aula que havíamos perdido. A inovação está na manipulação dos sinais com a mente, como se fosse uma recipiente que pode ser consultado manualmente; a lembrança é manipulada como objeto que pode ser manuseado e examinado.

Essa produção foi sinalizada na cabeça com o objetivo de aproximar a sinalização do local referente. Nesse caso, a memória, lembranças são sinalizadas no local da cognição. Metaforicamente, a memória foi consultada para que pudesse lembrar os conteúdos.

Caso 33

Esta análise é um excerto do vídeo de Rimar Romano, intitulado “Rimar: devolução para alguns”. Nesse vídeo, Rimar realiza a explicação sobre um fato, algo que ele apontou a algumas pessoas, as quais, descontentes, revidaram de maneira mais “pontual” ou “agressiva”.

Nesta inovação, Rimar produziu uma sentença que envolve uma série de processos inovadores. Para sinalizar essa sentença, ele puxou um escudo imaginário e cobriu até a sua cabeça, indicando proteção em relação ao que viria ao seu encontro. Em seguida, realizou movimentos com o corpo como se estivesse recebendo vários tiros. Sinalizou, ainda, uma arma apontada em sua direção e mais disparos. Para finalizar, cessou os disparos e retirou o escudo, a sua “proteção” com uma expressão indignada (Figura 127).

Figura 127: Produção inovadora



Ato de puxar/esconder-se sob uma proteção similar ao realizado na realidade, ao realizar o sinal da metralhadora. A motivação icônica também nos lembra o “puxar o gatilho”, porém várias vezes. Esse é o procedimento da metralhadora que dispara vários tiros seguidos. A expressão corporal mostrou a motivação icônica na ação de receber tiros.

Metaforicamente, o escudo indica a “proteção”, os tiros recebidos são as revidações que as pessoas praticaram para/com ele, a forma brusca com que deram retorno ao que ele havia explicado. Podemos dizer que é uma metáfora literal; podemos pensar que foi uma maneira bem explícita de construir o sentido na Libras, que sustenta a competência comunicativa.

Caso 34

A análise aqui apresentada ocorreu na UFSC durante aula com o professor Victor, ao explicar que a Língua de Sinais pode ser

registrada por meio da escrita de sinais. A produção inovadora é associada ao sinal LINGUA DE SINAIS.

A língua de sinais, como mencionamos na análise anterior, é produzida no espaço neutro, na inovação. Victor sinalizou na cabeça para indicar que pensamos em língua de sinais. Como o pensamento é relacionado com a cognição, o parâmetro ponto de articulação do sinal LINGUA DE SINAIS foi alterado para aproximar do referente. Além disso, a produção foi contínua. Da cabeça ele deslizou o sinal, transformando o sinal em ESCRITA DE SINAIS no espaço neutro (Figura 128).

Figura 128: Alteração do ponto de articulação do sinal LIBRAS e transformação do sinal LIBRAS para ESCRITA DE SINAIS



Metaforicamente, podemos compreender que, ao sinalizar LIBRAS na região da cabeça, Victor explicitou que o pensamento em Libras pode ser transformado em escrita.

Caso 35

O excerto do vídeo de Rimar, intitulado “Para Nelson e para TODOS”, mostra uma inovação associada ao sinal convencional BILINGUE. O sinal bilíngue tem como motivação icônica a configuração de mão em número 2 para indicar duas línguas (Figura 129).

Figura 129: Sinal convencional BILINGUE



No contexto do vídeo, o sinalizante expressou a importância de os professores surdos se atualizarem em relação às pesquisas e didáticas de ensino, pois, dessa forma, eles conseguiriam mudar, transformar o ensino bilíngue de péssima qualidade em um ensino bilíngue de boa qualidade.

Rimar mostra a transformação do sinal bilíngue mal estruturado para o sinal bilíngue correto, o convencional. Primeiramente, ele sinalizou o bilíngue ruim, com a palma da mão dominante para frente e movimento contínuo para cima e para baixo, juntamente com a expressão facial tenso. Logo após, fez a troca da configuração de mão que estava em V para mão aberta, movimentando com os dedos alternados e suavizando a expressão facial, incluindo a ponta da língua. Em instantes, já realizou o sinal convencional de bilíngue (com expressão positiva). Porém, o movimento reto e único é realizado com movimento mais longo, com o objetivo de intensificar o sinal. Esses três sinais são sinalizados juntos para compreender o significado da expressão que o sinalizante queria evidenciar, sendo, nesse caso, a transformação do bilíngue ruim para o bilíngue bom (130).

Figura 130: Transformação de um sinal para outro



Metaforicamente, o sinal invertido mostra o sentido contrário. Nesse caso, mostrou que não era bilíngue. A expressão e a movimentação de todos os dedos associadas ao contexto nos permitem compreender que metaforicamente ele quis transformar para bilíngue.

Caso 36

Outro sinal convencional com inovação a ser apresentado é o de Língua 1 e Língua 2.

O contexto foi a aula do curso de Letras/Libras. O surdo, que prefere não ser identificado, para expor a sua discordância em relação ao curso, no que se refere a aprendizagens das línguas, apresenta a sua opinião evidenciando que, no curso, falta clareza sobre a posição que as línguas ocupam no contexto geral. Isso porque, para ele, a aprendizagem das duas línguas envolvidas fica prejudicada e o surdo não aprende o que precisa nem de uma língua nem de outra, no caso Libras/L1 e Língua Portuguesa/L2. Ao concluir, faz referência ao sinal de L1 e L2, mas num terceiro sinal de Língua, porém com outra configuração de mão.

O sinal convencional de LÍNGUA traz a configuração de mão em L próximo à boca e realiza o movimento retilíneo para frente. A letra L tem influência da língua portuguesa, pois a palavra língua inicia com a letra L. O sinal, por ser sinalizado na boca, nos leva a compreender que existe uma relação metafórica, pois a fala vem dessa região (para línguas faladas).

A motivação icônica do sinal L1 e L2 tem a ver com o sinal de Língua próximo à boca e o número que corresponde a ser a primeira (Figura 131) ou a segunda língua (Figura 132).

Figura 131: Sinal convencional LÍNGUA 1



Figura 132: Sinal convencional LÍNGUA 2



No processo inovador (Figura 133), o sinalizante alterou o número para uma configuração que indicasse metade dos dois números, das duas línguas. Essa configuração é modificada pelo dedo indicador para dentro, indicando tensão do dedo.

Figura 133: Alteração da configuração de mão, tensão dos dedos



Metaforicamente falando, a ideia que o sinalizante traz é que assim, nessa lógica do sinal, o dedo com configuração pela metade dá a ideia de algo faltando, não completo.

5.1 CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

No capítulo anterior, apresentamos a descrição dos dados e apontamos a iconicidade dos sinais, processos produtivos e metafóricos. Neste capítulo, apresentamos a categorização dos processos produtivos.

A primeira categoria é o processo da quebra do punho, usando o sinal como um objeto quebrado. Nesse processo, o sinalizante tem o objetivo de mostrar a decadência ou algo que piorou. No caso 1, o sinalizador utilizou esse processo para mostrar que sua profissão estava muito ruim e, no caso 8, esse processo apresentou uma quebra de identidade, como se o surdo estivesse perdendo a identidade.

A segunda categoria é o processo de manipulação do sinal. Foi um dos processos mais utilizados pelos sinalizadores. A automanipulação do sinal tem o objetivo de chamar a atenção do interlocutor para a sinalização. Além disso, é um dos processos mais criativos, pois pode utilizar várias formas de manipular o sinal, como o uso de ferramentas (caso 1, de Sandro); como algo que pode ser rejeitado (caso 10, de Carolina); como algo que pode ser limpo (caso 11 e caso 13); como objeto que pode ser guardado (caso 14) ou que pode pegar fogo (caso 15); como objeto que pode cair (casos 7, 8 e 12); e

como objeto que pode fechar (caso 16). Esses processos produtivos são sinalizados com objetivos diretamente ligados ao sentido dos objetos.

A terceira categoria é o processo de mudança de velocidade dos sinais. Nesse processo, os sentidos dos sinais alteram para dar maior intensidade ao significado. No caso 1, a velocidade intensa mostra a atividade mais ativa do sinal; já no caso 4, a velocidade é sinalizada lentamente que subjaz menos ativo. Nesse caso, a expressão corporal e tensão dos dedos mostraram que, além de menos ativo, a atividade é ineficiente.

A quarta categoria é o processo de mudança orientacional. Nesse processo, os sinais são invertidos para baixo para indicar a negatividade (caso 5 e caso 8) e falha de conectividade (caso 6 e caso 7). A mudança orientacional pode ocorrer no sentido plano, para frente ou para trás. No caso 9, apresentamos um exemplo de mudança orientacional para trás. Esse caso mostrou o sentido negativo do sinal.

A quinta categoria é o processo de acréscimo de mãos ou dedos. O acréscimo de parâmetros intensificou o sentido do sinal. Nos casos analisados (caso 17 e caso 18), a intensidade aumentou. Nos casos 19 e 20, o acréscimo foi equivalente ao número exato do sentido. Por exemplo, no caso 19, a adição de 3 dedos (total de 4 dedos) seria para indicar 4 anos de estudos e, no caso 20, a adição de 1 dedo (total de 2 dedos), para indicar duas afinidades. No caso 35, o acréscimo dos dedos e do movimento não expressou a intensidade, e sim a transformação, a mudança de um sinal para outro sinal.

A sexta categoria envolve a mudança de ponto de articulação. Esse processo mostra a importância da aproximação da sinalização no referente. Identificamos 10 casos diferentes (do caso 21 ao caso 31). Na Libras, é comum que a sinalização seja realizada próximo ao local de referência. Como exemplos, podemos citar os sinais de COMER, BEBER e FALAR (língua oral), realizados na boca; sinais de PENSAR, ESQUECER e ARREPENDER, sinalizado na cabeça; e sinais de ÓCULOS, VER e SONO, produzidos nos olhos.

Na sétima categoria, estão as produções inovadoras que envolvem uma sentença, e não a quebra do sinal convencional. Para

compreender a sentença produtiva, é necessário ter o contexto que envolve a conversa, conhecimento específico de cada sinal produzido.

No caso 32, a produção envolveu a recordação de um conteúdo de aula, em que a sinalizante sinalizou como se procurasse essa recordação numa pasta de arquivo e, ao encontrá-la, retirou do arquivo e analisou. Para compreender essa produção, é necessário ter conhecimento prévio sobre um arquivo. Como o arquivo é um local em que armazenamos os dados, a recordação estaria armazenada no arquivo. Além disso, a sinalização foi produzida na cabeça. Nesse caso, a cabeça é a pasta do arquivo. Vejamos a complexidade dessa produção que envolveu dois processos em uma única sentença. Primeiramente, o processo de ponto de articulação (realizado na mente); segundo, o processo de automanipulação, em que o sinalizador manipulou a mente procurando o arquivo (lembrança), o pegou e o analisou.

No que se refere ao caso 33, sabemos que o escudo era utilizado pelos cavaleiros e serve para proteção e a arma dispara tiros e quem recebe os tiros é machucado ou morto. Na produção inovadora, o sinalizador usou esses conhecimentos específicos para sinalizar que usou um escudo para se proteger dos tiros (palavras, reivindicações) que recebeu das pessoas.

Esses dois casos (32 e 33) abrangem conhecimento específico para compreender a sentença. Portanto, classificamos como uma metáfora literal.

A oitava categoria envolve processo produtivo de mudança de configuração de mão. Houve um caso específico em que o sinalizante alterou apenas a configuração de mão (caso 36). Alguns casos envolveram outros processos produtivos e também alteraram a configuração de mão flexionando os dedos (tensão) para exprimir algo ruim, irregular e negativo.

5.2 DISCUSSÃO DOS DADOS

Identificando os principais objetivos a serem apontados na minha pesquisa, que são; iconicidade, metáforas e processo produtivos, temos como desafio nesta secção, discutir os dados, de maneira a apresentar a relação da teoria com os dados obtidos.

Em nossa pesquisa, as inovações foram criadas utilizando o recurso da língua de sinais, isto é, não são totalmente novas, pois aproveitaram as modulações que os usuários já conhecem para combiná-los e criar uma nova forma. Alterando ou acrescentando uma ou mais modulações, temos um novo sinal. Isso não significa que será convencionalizado, pois, para se tornar convencional, depende de como será aceito pela comunidade surda. Ao se tornar aceito, esses sinais serão utilizados com frequência e acabam se tornando conhecidos e convencionalizados.

Como podemos definir tecnicamente o que é um sinal convencional e o que é uma expressão inovadora? Do ponto de vista da linguística cognitiva, essa distinção é subjetiva, pois depende da experiência de cada pessoa. A convencionalidade não é vista como em Saussure (2006), como se o sistema linguístico fosse imutável e atemporal. A convencionalidade é um processo cotidiano, de tal forma que, se usarmos muito uma expressão inovadora apenas entre um grupo de amigos, esse sinal pode ser convencional para esse grupo, mas inovador para quem não compartilha a experiência do grupo.

Nos sinais convencionais apresentados na pesquisa, percebemos que alguns foram criados com a configuração de mão com a letra inicial da palavra correspondente ao sinal, como o sinal INSTRUTOR, ASSOCIAÇÃO, EU TE AMO (em inglês I love you), IDENTIDADE, LINGUA 1 E LINGUA 2. Isso nos mostra a influência da língua portuguesa sobre a língua de sinais. No processo inovador, não ocorre a criação na base da letra inicial da língua portuguesa, talvez por ser tão espontâneo, a quebra do sinal convencional ocorre com o recurso da própria língua de sinais.

No sinal convencional BILINGUE, percebemos que a criação ocorreu relacionada com a quantidade. O sinal 2 foi motivado por duas línguas. Esse mesmo processo ocorreu na inovação para indicar a quantidade exata do sentido. Por exemplo, no caso do sinal

PROFUNDO, a inovação acrescentou mais 3 dedos, somando 4 dedos para indicar 4 anos de estudo. Igualmente, no sinal AFINIDADE, houve o acréscimo de um dedo para indicar duas afinidades específicas.

Percebemos que dois sinais convencionais são sinalizados com configuração de mão em Y, (DIVULGAR e INFORMAÇÃO) e que essa configuração é comum para sinalizar algo relacionado à comunicação, como AVISAR, NARRAR e CONTAR (histórias). Além disso, são sinalizados com duas mãos e movimento alternado (INFORMAÇÃO) ou simultâneo (DIVULGAR). O sinal INFORMAÇÃO tem o mesmo movimento realizado no sinal COMUNICAÇÃO, talvez por ser algo que pode ter retorno, com via de comunicação. No sinal DIVULGAR, o movimento é realizado para frente e não há via de comunicação como no sinal INFORMAÇÃO.

Alguns sinais convencionais foram criados na base de evidência icônica mais marcante. Visualmente, o sinal remete à imagem, como o sinal CLONAR. Esse sinal é semelhante à imagem de DNA; o sinal ANDROID é idêntico à antena do aplicativo; o sinal ABRIR apresenta o movimento semelhante de abrir a porta; o sinal SAUDE nos remete ao movimento realizado pelo exame médico; e MERGULHAR é associado com o ato de mergulhar. Consideramos esses sinais altamente icônicos, por conseguirmos associar os sinais com as imagens. As inovações foram produzidas na base do sinal convencional. Dessa forma, conseguimos nos remeter facilmente ao significado, por isso consideramos altamente icônico. Reforçamos a ideia defendida por Taub (2001), a iconicidade é uma estrutura de preservação de mapeamentos entre os modelos mentais de imagens e formas linguísticas. A iconicidade está fortemente impregnada na língua de sinais, devido a característica visual das línguas de sinais que possibilita explorar ricamente a iconicidade. Costa (2012).

Em alguns sinais convencionais, não foi possível identificar a iconicidade. Acreditamos que sua motivação icônica se extinguiu com o tempo. Isso se explica considerando que, para a linguística cognitiva, toda expressão linguística é simbólica, formada por uma parte “fonológica” (o polo formal/gestual) e uma parte semântica (o sentido). Toda linguagem é motivada pela experiência corporal de interação entre o organismo e o mundo que o circunda.

Em relação à metáfora, nossa pesquisa mostra que as inovações envolveram processos metafóricos. Como proposto por Lakoff e Johnson (2002), as inovações apresentaram conceitos abstratos que adquiriram sentido a partir de diferentes experiências corporais e percepção orientacional no mundo. A mudança orientacional para baixo, tanto com a mão em expressão corporal, mostra metaforicamente que para baixo é considerado ruim e negativo, como no caso de EU TE AMO. No caso do sinal DIVULGAR em que o movimento é realizado para frente e na inovação o movimento foi alterado para trás, a mudança orientacional nos remete ao efeito contrário, na não divulgação da informação. A orientação plana (para frente e para trás) é explícita na experiência com “andar”, normalmente andamos para frente para chegar ao determinado lugar, para voltar iremos andar na direção oposta, nesta inovação é evidente que o movimento para trás nos remete ao oposto de seguir em frente com a divulgação. Wilcox (2001) reforça que na língua de sinais, devido a característica visual, a orientação espacial se torna ainda mais evidente pela própria natureza visual.

As inovações que usaram o sinal como objeto externo são consideradas como metáforas ontológicas, pois o sinal é concebido como uma entidade, neste tipo de metáfora Lakoff e Johnson (2002) colocam que construímos essa metáfora na base das nossas experiências com objetos e o corpo físico. Como no caso 1, em que o sinal INSTRUTOR é considerado uma máquina. Observamos que o sinal pifou (quando houve quebra de punho) ou que pode ser consertado (quando utilizou ferramentas como chave de fenda, apertadeira). A nossa experiência com os objetos como as ferramentas nos remete a função de consertar, nesta metáfora as ferramentas “consertaram” a profissão de instrutor.

Não conseguimos identificar metáforas estruturais, é difícil encontrar essa metáfora uma vez que essa concepção conceitual da metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, em termos de um domínio muito diferente do da experiência, como um mapeamento sistematicamente estruturado de um domínio de origem (concreto) a um domínio alvo (abstrato) (FARIA, 2003).

Podemos, ainda, reforçar a ideia trazida por Taub (2001) de que os vocabulários utilizados em domínios abstratos, que são o alvo,

consistem, muitas vezes, em representações icônicas de entidades concretas, que são domínio fonte. O autor ainda acrescenta que metáfora sem iconicidade dificilmente pode ocorrer em línguas sinalizadas.

Finalizando, confirmamos pela pesquisa o que Wilcox (2001) afirma e defende: as metáforas, em língua de sinais, não pode ser compreendida sem considerar a influência da cultura. As comunidades surdas se caracterizam por uma apreensão de mundo essencialmente visual, certamente o motor cognitivo visual tem uma importância na organização de elementos da cultura e varia de acordo com a organização social.

As inovações mostram quebra de sinais de maneira que são especiais quanto à própria língua de sinais. A língua de sinais é visual e gestual, as criações inovadoras são baseadas nesses recursos que permite combinar, sobrepor, aparecer simultaneamente, ou simplesmente mudar a forma dos sinais. Klima e Bellugi (1979) esclarecem que tal uso deliberado de elementos linguísticos claramente reflete a consciência intuitiva dos sinalizantes em relação à forma linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos no início da dissertação, nossa finalidade em realizar esta pesquisa envolveu o interesse em identificar os processos produtivos de inovação linguística na Libras. Os dados foram obtidos por meio de gravações em vídeo disponíveis no *youtube*, de um arquivo em formato vídeo utilizado na tese de doutorado de Leite (2008), nosso orientador, e também das conversas entre surdos no cotidiano em diferentes contextos.

Organizamos os capítulos iniciais com o intuito de informar acerca da língua de sinais e suas peculiaridades. Para isso, delineamos aspectos dos parâmetros e formação de sinais, com o objetivo de afirmarmos a teoria sobre a qual conduzimos nossas reflexões.

Apresentamos a teoria das funções da linguagem. Para Jakobson (2010), dependendo do objetivo do ato de fala, destacamos um dos elementos da comunicação. Em nossa pesquisa, ficou evidente que a função da linguagem utilizada é a função poética, que seria estudada no contexto estético, como poesia e literatura. A poesia e outras formas de explorar esteticamente a linguagem são, em última instância, fundadas na linguagem cotidiana, na conversação e no discurso coloquial. Os dados mostram o princípio dos processos inovadores de embelezamento da linguagem com fins de ampliação da experiência estética da linguagem.

Considerando as implicações da pesquisa, podemos pontuar a sua importância para o desenvolvimento de registros orais (ou corporais) na Libras, que podem também estimular processos de elaboração da Libras, como L1 na educação bilíngue.

A dupla articulação propõe que um dos princípios das línguas humanas é a sua estruturação em, no mínimo, dois diferentes níveis: o dos morfemas, que são as unidades constituídas de sentido que, por sua vez, são analisados num segundo nível, o dos fonemas, que são unidades destituídas de sentido. A função dos fonemas é a de compor unidades significativas.

Em nossa pesquisa, apresentamos um contraponto dessa questão, pois, diferente das línguas orais, as unidades mínimas não têm significado quando isoladas. Nas línguas de sinais, essas unidades, mesmo isoladas, trazem seu significado, pois as diferentes dimensões da sinalização são sempre exploradas com base no seu potencial significativo, nunca de maneira puramente arbitrária.

No caso 23, apresentamos o sinal de fome com um ZERO na barriga ou de analfabeto com um ZERO no braço, mostrando que a inovação envolve o mesmo processo linguístico clássico de “contraste em pares mínimos”, primeiro identificado pelos estruturalistas. Porém, ao contrário do que os estruturalistas afirmavam, os elementos mínimos analisados a partir desse contraste (CM, MOV, etc.) não são fonemas destituídos de sentido; são parâmetros claramente significativos. Em alguns casos, o sentido provém de outros sinais, como o caso de ZERO no braço. O braço é usado para aluno e série. Então acabou ganhando indiretamente o sentido de “escolar”, de tal modo que o ZERO nele se torna algo como “analfabeto”. A cabeça, na região da testa, é considerada local de cognição. Logo, os sinais sinalizados nesta região trazem significados relacionados aos processos mentais. Nesse sentido, ZERO na testa significou que “nada sabe”.

Nos exemplos citados anteriormente, percebemos que o sinal pode ser decomposto em partes, mas que não há divisão de “com sentido/sem sentido”, pois nossa pesquisa mostra que, na Libras, há significado nas menores unidades da língua.

Ainda nessa discussão da dupla articulação, abordamos, também, a economia da articulação que parte de pressuposto de que podemos aproveitar os vocábulos existentes com o processo de combinações de componentes.

De acordo com Costa (2012), na língua de sinais, cada unidade mínima pode produzir vários significados se alterarmos um dos parâmetros. Isso ficou evidente em nossa pesquisa. Praticamente, todos os casos apresentaram a quebra dos sinais convencionais com alteração de um dos parâmetros.

Em nossa pesquisa, as inovações foram criadas utilizando o recurso da língua de sinais, isto é, não são totalmente novas, pois aproveitaram as modulações que os usuários já conhecem para combiná-los e criar uma nova forma. As inovações apontam alguns principais processos produtivos da Libras, entre eles: quebra do punho, manipulação do sinal, de mudança de velocidade, tensão, mudança orientacional, acréscimo de mãos ou dedos, mudança de ponto de articulação e mudança de configuração de mão. Alterando ou acrescentando uma ou mais modulações, temos um novo sinal. Isso não significa que será convencionalizado, pois, para se tornar convencional, depende de como será aceito pela comunidade surda. Ao se tornar aceito, esses sinais serão utilizados com frequência e acabam se tornando conhecidos e convencionalizados.

Como podemos definir tecnicamente o que é um sinal convencional e o que é uma expressão inovadora? Do ponto de vista da linguística cognitiva, essa distinção é subjetiva, pois depende da experiência de cada pessoa. A convencionalidade não é vista como em Saussure, como se o sistema linguístico fosse imutável e atemporal. A convencionalidade é um processo cotidiano, de tal forma que, se usarmos muito uma expressão inovadora apenas entre um grupo de amigos, esse sinal pode ser convencional para esse grupo, mas inovador para quem não compartilha a experiência do grupo.

Nos sinais convencionais apresentados na pesquisa, percebemos que alguns foram criados com a configuração de mão com a letra inicial da palavra correspondente ao sinal, como o sinal INSTRUTOR, ASSOCIAÇÃO, EU TE AMO (em inglês I love you), IDENTIDADE, LINGUA 1 E LINGUA 2. Isso nos mostra a influência da língua portuguesa sobre a língua de sinais. No processo inovador, não ocorre a criação na base da letra inicial da língua portuguesa, talvez por ser tão espontâneo, a quebra do sinal convencional ocorre com o recurso da própria língua de sinais.

No sinal convencional BILINGUE, percebemos que a criação ocorreu relacionada com a quantidade. O sinal 2 foi motivado por duas línguas. Esse mesmo processo ocorreu na inovação para indicar a quantidade exata do sentido. Por exemplo, no caso do sinal PROFUNDO, a inovação acrescentou mais 3 dedos, somando 4 dedos

para indicar 4 anos de estudo. Igualmente, no sinal AFINIDADE, houve o acréscimo de um dedo para indicar duas afinidades específicas.

Percebemos que dois sinais convencionais são sinalizados com configuração de mão em Y, (DIVULGAR e INFORMAÇÃO) e que essa configuração é comum para sinalizar algo relacionado à comunicação, como AVISAR, NARRAR e CONTAR (histórias). Além disso, são sinalizados com duas mãos e movimento alternado (INFORMAÇÃO) ou simultâneo (DILVULGAR). O sinal INFORMAÇÃO tem o mesmo movimento realizado no sinal COMUNICAÇÃO, talvez por ser algo que pode ter retorno, com via de comunicação. No sinal DIVULGAR, o movimento é realizado para frente e não há via de comunicação como no sinal INFORMAÇÃO.

Alguns sinais convencionais foram criados na base de evidência icônica mais marcante. Visualmente, o sinal remete à imagem, como o sinal CLONAR. Esse sinal é semelhante à imagem de DNA; o sinal ANDROID é idêntico à antena do aplicativo; o sinal ABRIR apresenta o movimento semelhante de abrir a porta; o sinal SAUDE nos remete ao movimento realizado pelo exame médico; e MERGULHAR é associado com o ato de mergulhar. Consideramos esses sinais altamente icônicos, por conseguirmos associar os sinais com as imagens. As inovações foram produzidas na base do sinal convencional. Dessa forma, conseguimos nos remeter facilmente ao significado, por isso consideramos altamente icônico.

Em alguns sinais convencionais, não foi possível identificar a iconicidade. Acreditamos que sua motivação icônica se extinguiu com o tempo. Isso se explica considerando que, para a linguística cognitiva, toda expressão linguística é simbólica, formada por uma parte “fonológica” (o polo formal/gestual) e uma parte semântica (o sentido). Toda linguagem é motivada pela experiência corporal de interação entre o organismo e o mundo que o circunda.

Em relação à metáfora, nossa pesquisa mostra que as inovações envolveram processos metafóricos. As inovações que apresentaram mudança orientacional para baixo, tanto com a mão em expressão corporal, mostra metaforicamente que para baixo é considerado ruim e negativo, como no caso de EU TE AMO.

As inovações que usaram o sinal como objeto externo são consideradas como metáforas ontológicas, pois o sinal é concebido como uma entidade, como no caso 1, em que o sinal INSTRUTOR é considerado uma máquina. Observamos que o sinal pifou (quando houve quebra de punho) ou que pode ser consertado (quando utilizou ferramentas como chave de fenda, apertadeira).

Podemos, ainda, reforçar a ideia trazida por Taub (2001) de que os vocabulários utilizados em domínios abstratos, que são o alvo, consistem, muitas vezes, em representações icônicas de entidades concretas, que são domínio fonte. O autor ainda acrescenta que metáfora sem iconicidade dificilmente pode ocorrer em línguas sinalizadas.

Finalizando, confirmamos pela pesquisa o que Wilcox (2001) afirma e defende: as metáforas, em língua de sinais, são predominantemente influenciadas pela cultura.

Os dados obtidos na pesquisa apresentada nesta dissertação abrem várias possibilidades de trabalhos futuros para aprofundar certas questões e também para confirmar certas possibilidades levantadas. Seria interessante ter *corpus* suficiente para obter mais dados espontâneos, pois essa foi uma das dificuldades encontradas durante a pesquisa. Além disso, seria relevante ampliar essas análises em poesias, pois é bastante comum ocorrer quebra de sinais convencionais em contexto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira. (Org.) Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. In: **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 57-84.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. São Paulo : Ática, 1994.

AVELAR, Thais Fleury. A questão da padronização linguística de Sinais nos atores-tradutores surdos do curso de letras – Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”. 2010. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) –. Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1- 19, 1974.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/.../decreto/d5626.htm>. Acesso em 20 abr. 2013.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 20 abr. 2013.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo : FENEIS : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CHIAVEGATTO, Valeria C. **Introdução à linguística cognitiva**. In: Matraga. Rio de Janeiro, v.16, n24, 2009.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Victor Hugo Sepulveda da. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DALACORTE, M. C. F. Metáfora e contexto. In: PAIVA, V. L. M de O. (Org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998. p. 63-70.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARIA, Sandra Patrícia de. **A metáfora na LIBRAS e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. 316f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculos, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2003.

FELIPE, T. A. Projeto Dicionário Virtual da Libras. Fórum - INES, v. I (jul/dez). Rio de Janeiro: INES, p. 15 - 24. 2001.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FREHSE, Priscila. **Psicanálise e surdez: metáforas conceituais das subjetividades em Libras**. 2007. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras – área de concentração: Estudos Linguística) – Setor de Ciências

Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FRISHBERG, N. **Arbitrariness and Iconicity**: Historical Change in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 3, p. 696-719, 1975.

_____. Historical Change: From Iconic to Arbitrary. In: KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LESSA, Ana Cecília. **Tópicos de linguagem – Figuras de linguagem**. São Paulo: Atual Editora, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição Fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. 1999.273f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Tese de Doutorado, PUCRS, 1999.

KLIMA; BELLUGI, 1979 KLIMA, E., BELLUGI, U. et al. **The Signs of Language**. Cambridge MA: Harvard University Press. 1979.

HOLENSTEIN, Elmar. **Introdução ao pensamento de Roman Jakobson**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

_____. **Mettaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LIMA, Sandra Mara Moraes. **Uma voz espírita em grande sertão veredas**. São Paulo: Annaablume, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Paula Helouise de. **Metáfora conceitual e Língua Brasileira de Sinais – libras**. Disponível em:

<<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12580457/metafora-conceptual-e-lingua-brasileira-de-sinais->>. Acesso em 09 abr. 2013.

PASCHOAL, Maria Sofia Zanotto de. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, Eunice (Org.). **A metáfora**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.115 – 128.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre : Artmed, 2004.

_____; Pizzio, Aline Lemos; Rezende, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais 1**. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf>. Acesso em: 03 set. 2013.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE Flávia. **Aspectos lingüísticos da Libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2012.

SALOMÃO, Maria M. Martins. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. In: Veredas. Revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v.3, n1. 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de et al. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAUB, SARAH F., Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications - Spatial Cognition and Computation 2: 31–50, 2000.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009. p. 71-85.

WILCOX, P.P. **Metaphor in American Sign Language**. Program at the University of New México: Albuquerque, NM, 2000.

